

Alisson Araújo

O GRUPO DE ADOLESCENTES NA ESCOLA:  
A PERCEPÇÃO DOS JOVENS PARTICIPANTES

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde:  
Saúde da Criança e do Adolescente  
Belo Horizonte – MG  
2007

Alisson Araújo

O GRUPO DE ADOLESCENTES NA ESCOLA:  
A PERCEPÇÃO DOS JOVENS PARTICIPANTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde, área de concentração em Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Lunardi Rocha  
Co-orientadora: Profa. Dra. Lindalva Carvalho Armond

Belo Horizonte – MG

2007

Araújo, Alisson

A663g O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos jovens participantes/Alisson Araújo. Belo Horizonte, 2007. 83f.

Dissertação.(mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina.

Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente

Orientadora: Regina Lunardi Rocha

Co-orientadora: Lindalva Carvalho Armond

1.Comportamento do adolescente 2.Estudantes 3.Grupos de treinamento de sensibilização 4.Relações interpessoais 5.Pesquisa qualitativa 6.Existencialismo I.Título

NLM: WS 462  
CDU: 616-053.7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE MEDICINA**

**PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Reitor: Ronaldo Tadêu Pena

Vice-Reitora: Heloisa Maria Murgel Starling

Pró-reitor de Pós-graduação: Jaime Arturo Ramirez

**FACULDADE DE MEDICINA**

Diretor: Francisco José Penna

Vice-diretor: Tarcizo Afonso Nunes

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE – ÁREA DE  
CONCENTRAÇÃO SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Coordenador: Prof. Joel Alves Lamounier

Subcoordenador: Prof. Eduardo Araújo de Oliveira

Colegiado:

Prof<sup>a</sup> Ana Cristina Simões e Silva

Prof. Eduardo Araújo de Oliveira

Prof. Francisco José Penna

Prof<sup>a</sup> Ivani Novato Silva

Prof. Joel Alves Lamounier

Prof. Lincoln Marcelo Silveira Freire

Prof. Marco Antônio Duarte

Prof<sup>a</sup> Regina Lunardi Rocha

Rute Maria Velasquez Santos (Representante Discente)

**Dedico este caminhar...**

Aos meus pais Ana Maria e Geraldo (*sempre presente*), por transferirem para mim os mais nobres valores do ser humano.

Aos queridos irmãos Rodrigo, Débora e Gustavo por lotarem meus dias de tamanha felicidade.

À Lucilene, pelo apoio e amor indispensáveis na minha vida.

Amo todos vocês!

## **Agradeço...**

A Deus, pela incessante presença em minha vida;

À Professora Doutora Regina Lunardi Rocha, minha orientadora, por compreender minhas inquietações e apoiar-me na busca desta concretização;

À Professora Doutora Lindalva Carvalho Armond, por sua incrível maneira de ter dar asas aos meus sonhos neste trabalho e pelas mãos solidárias que no momento certo souberam me amparar;

À Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM pelo apoio na concretização desta qualificação docente;

À amiga e colega Liliane da Consolação Campos Ribeiro, pela alegre e incrível vivência desde os tempos de faculdade; pela acolhida e convivência com sua família;

Aos colegas do Departamento de Enfermagem/UFVJM agradeço pelo estímulo e compreensão. Às colegas e amigas Mirtes, Amanda e Rose, por traduzirem tão bem os sentimentos de amizade, coragem e sonho;

Às colegas de Mestrado Mariana, Andréia, Luciana e Simone pelo convívio breve, mas árduo e importante neste curso;

À Professora Lucy Oliveira pela revisão da língua portuguesa deste trabalho;

À todos da Escola Estadual Professora Izabel Motta de Diamantina/MG pelo incondicional apoio tanto nesta pesquisa quanto nas atividades de ensino e extensão do cotidiano do meu trabalho;

E aos adolescentes, que me permitiram adentrar em seus mundos e compreender o que o grupo operativo significa para eles.

”Quem pensa por si mesmo é livre,  
E ser livre é coisa muito séria  
Não se pode fechar os olhos  
Não se pode olhar p’rá trás  
Sem se aprender alguma coisa  
P’ro futuro”

Renato Russo, “L’aventura”

In: “A tempestade” ou “O livro dos dias”. EMI, 1996

## Resumo

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica à luz de algumas concepções do filósofo Martin Heidegger. Teve como objetivo compreender a percepção dos adolescentes sobre suas participações em grupos operativos realizados na Escola Estadual Professora Izabel Motta em Diamantina/MG. O estudo foi realizado com adolescentes participantes do grupo operativo que acontecia nessa escola, coordenados por acadêmicos, sob a responsabilidade do docente responsável pela Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente, do Curso de Enfermagem, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Os dados foram colhidos no período de outubro a dezembro de 2006, por meio de uma entrevista aberta individual quando os adolescentes que aceitaram participar do estudo responderam a questão norteadora: *“Conta pra mim, o que significa para você participar do grupo de adolescente aqui na escola?”*. Através do critério de repetição das falas, chegou-se a nove entrevistados, sendo seus discursos analisados de acordo com os passos da análise compreensiva, sugerida por Martins e Bicudo (1989), permitindo assim construir treze unidades temáticas que confluíram para três categorias: *“Aprendendo e ensinando a ser adolescentes com os outros”*, *“Um caminho certo rumo a idade adulta”* e *“Reconhecendo riscos à saúde na adolescência”*. Para o jovem participante, o grupo operativo foi importante por ser um espaço para aprender e ensinar questões da adolescência com outros coetâneos e também com outros mais velhos, procurando um *“bom”* caminho que leve a uma vida melhor e mais saudável no futuro. A troca de experiências entre os integrantes no grupo possibilitou que eles se percebessem não só como iguais, duvidosos e incapazes mas também como diferentes, sábios e capazes. Essa ambivalência aumenta o senso de pertencimento ao grupo e a necessidade de atentar-se ainda mais para o cuidado com a própria vida. Os adolescentes perceberam que a metodologia participativa utilizada nos grupos facilitou o aprendizado de forma interessante e criativa, permitindo posicionar-se, ouvir e falar do seu intra-mundo juvenil. O desocultamento do fenômeno indica uma revisão indispensável quanto ao sentido das atividades educativas destinadas aos adolescentes. Muito mais que apenas informar, essas atividades precisam ser construídas, elaboradas com a participação efetiva daqueles a quem se destina: os adolescentes.



## Abstract

This paper relates about qualitative research with phenomenon approach by the light of some conceptions of the philosopher Martin Heidegger. The paper had as objective to understand the perception of the adolescents about their participations in operative groups realized in State School Teacher Izabel Motta, in Diamantina – MG-Brazil. The study was realized with adolescents participants of the operative group that happened in those school, coordinated by academic under orientation of the teacher responsible for discipline Nursing of the child and adolescent health, Nursing Course, at the Federal University of the Jequitinhonha and Mucuri Valleys. The facts were gathered in October to December, 2006 by individual interview when the adolescents asked the central question: “Tell me, what the meanings to you take part of the adolescents group here in school?” Through the criterion of repetition of the speak come nine interview and their speeches were analysed in agreement with of the understanding analysis suggest by Martins and Bicudo(1989) allowing to do thirteen thematic units that changed over to three categories: “Learning an teaching to be adolescents with others”, “A right way heading for adult age” and “Recognizing risks to adolescent health”. The operative group was important to young participant because it was a learning and teaching space matter about adolescence with other adolescents and too older than them, looking for a good way to take a healthy and better life in the future. The change of experiences between members of the group made possible that they perceive their self as equals, doubtful and incapable, sometimes as different, wises and capable. This ambiguity magnified the sense of belong to group and the need to attention for care own life. The adolescents perceived that participant method used with the groups facilitated the learning by interesting and creative way, permitting to hear and to talk about their world youthful. The appearance of the phenomenon indicates an indispensable revision about education activities for adolescents. Beyond to inform these activities need to with a real participation of the adolescents.

## SUMÁRIO

Resumo.....	v
Abstract.....	vi
1- Introdução.....	01
2- Fundamentação Teórica (Artigo 1).....	07
3- Percurso Metodológico.....	25
3.1- Da procura de um caminho à pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica.....	26
3.2 - Alguns Fundamentos da Fenomenologia.....	27
3.3 - A fenomenologia à luz de Martin Heidegger.....	31
3.4- Os adolescentes e o cenário de estudo.....	34
3.5- A coleta dos depoimentos com os adolescentes.....	35
3-6- Compreendendo o fenômeno “ser participante do grupo realizado na escola” através da análise dos discursos.....	39
4- Resultados (Artigo 2).....	46
5- Considerações Finais.....	61
6- Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	69
Anexo 1.....	70
Anexo 2.....	71
Anexo 3.....	72
Anexo 4.....	73
Anexo 5.....	74

## **1- INTRODUÇÃO**

---

## 1.0- Introdução :

A adolescência, rito de passagem da infância ao mundo adulto, ocupou em todo meu caminhar como enfermeiro, lugar de tamanho apreço e distinto interesse. Posso me lembrar ainda quando acadêmico do Curso de Enfermagem – até então um recém-chegado ao mundo adulto – dos primeiros contatos com adolescentes durante estágios curriculares e atividades de extensão. Nessas ocasiões já podia observar comportamentos peculiares desses adolescentes: ora muito participativos, ora totalmente dispersos... ora desinibidos ao extremo, ora tímidos por demais. Assim, então, iniciei a busca do compreender o mundo-vida do adolescente.

Após a graduação, ingressei na vida profissional como enfermeiro, integrando uma equipe do Programa de Saúde da Família - PSF do município de Carmo da Mata/MG. Minha atenção à clientela adolescente ficou um pouco ofuscada tanto pelo grande avanço das políticas públicas de saúde a outros grupos de atenção, quanto por trabalhar numa unidade de saúde muito assoberbada pela demanda espontânea constituída, consideravelmente, por agravos da população adulta e infantil.

Nesse período fiz o Curso de Especialização em Saúde da Família/Projeto Veredas de Minas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando durante o módulo de Saúde da Criança e do Adolescente implementei ações direcionadas a adolescentes em nível individual e coletivo. Os resultados dessas atividades não foram satisfatórios devido às ausências dos adolescentes às reuniões e consultas agendadas. Os agentes comunitários de saúde, responsáveis pelo agendamento dessas atividades, por diversas vezes relatavam incompatibilidade de horários disponíveis na unidade de saúde com os afazeres dos adolescentes. Mudanças foram tentadas, mas sem sucesso.

Na certeza de que era necessário galgar novos conhecimentos, iniciei o Curso de Especialização em Saúde da Família na modalidade de Residência Multiprofissional. Dessa forma, continuei a persistir na atenção à saúde do adolescente.

Ao final do primeiro ano da residência surgiu a oportunidade de prestar concurso público para atuar como docente e tive a alegria de ser aprovado. A satisfação era tamanha, pois iria trabalhar nas Faculdades Federais Integradas de Diamantina-FAFEID, antiga Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina – FAFEOD, instituição de ensino na qual havia me graduado.

Mais uma vez a adolescência estava presente em meu trilhar, pois fiquei responsável pela Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente. Por considerar esta conquista a realização de um sonho, deixei assim a residência e enveredei pelo também árduo, porém prazeroso ofício da docência.

Tais experiências permitiram-me refletir sobre o importante papel que abracei, ter sob minha responsabilidade a formação de futuros enfermeiros numa área que sempre me despertou interesse, a saúde do adolescente.

Sendo assim, assumindo tal dever, realizei pela primeira vez em uma escola estadual do município de Diamantina/MG, durante os meses de outubro e novembro do ano de 2004, parte do conteúdo prático da Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente, do Curso de Graduação em Enfermagem das FAFEID, atualmente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM.

Percebi a necessidade de trabalhar a saúde do adolescente na escola, basicamente, por três motivos:

Primeiro, pelo atual perfil de morbi-mortalidade da adolescência brasileira demandando aos nossos futuros enfermeiros metodologias e instrumentos que visem mudar o dramático quadro da saúde dos adolescentes. Metodologias e instrumentos estes com ênfase nas causas dos diversos agravos à saúde do adolescente.

De acordo com os registros e estatísticas do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do DATASUS/MS, no ano de 2004, de um total de 25.041 mortes na faixa etária de 10 a 19 anos, 65,4% foram devido ao grupo de causas externas, em que as agressões (49,1%) e os acidentes de trânsito (24,6%) adquirem especial importância, sendo que 76,2% dessas mortes ocorreram no grupo de 15 a 19 anos. Seguem-se, imediatamente, ao grupo de causas externas, as causas de morte relacionadas às doenças neoplásicas com 6,4% e, posteriormente, às causas mal definidas e às doenças do aparelho circulatório e do sistema nervoso com 5,9%, 4,0% e 3,65 %, respectivamente, como responsáveis por causa de mortalidade nesse grupo. No que concerne aos agravos à saúde, há um crescimento dos índices de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DST) e vírus HIV, uso de drogas e também o envolvimento em situações violentas. Outro fenômeno revela-se no aumento dos índices de gravidez na adolescência, especialmente no grupo de 10 a 15 anos de idade. Entre 1994 e 2004, observou-se um aumento de

cerca de 49% no percentual de partos de meninas de 10 a 14 anos na rede SUS (DATASUS, 2005).

O segundo motivo baseou-se na importância de se conhecer e vislumbrar o adolescente no espaço escolar, que mostra singulares características desta fase da vida implicantes no seu processo saúde-doença.

A psicodinâmica do desenvolvimento tem demonstrado que é dentro da família e, posteriormente na escola, que o indivíduo se socializa e se humaniza, na proporção em que suas necessidades biológicas, cognitivas e relacionais são atendidas. O amparo dado pela educação é relevante no estabelecimento de projetos pessoais e sociais. São eles que dão sentido a vida do ser humano (CASASANTA, 1998).

Como terceiro e último motivo, observei a dificuldade de encontrar espaços nas instituições de saúde (hospitais, centros de saúde, unidades de saúde da família) que tivessem abordagem específica voltada para a saúde do adolescente. Essas instituições, apesar de esta ser uma observação empírica, quando atendiam os adolescentes, tinham atenções centradas na doença e/ou condição que apresentavam, desconsiderando seus contextos e etapa de vida.

Ao planejar as atividades práticas da Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente a serem desenvolvidas pelos acadêmicos do 6º período de Enfermagem, sob minha supervisão, optei por desenvolvê-las na Escola Estadual Professora Izabel Mota direcionando-as aos adolescentes. Utilizei recursos pedagógicos participativos, por meio de exercícios de aquecimento, manutenção e integração grupal. O grupo era constituído, no máximo, por 15 adolescentes.

As atividades em grupo foram realizadas pelos acadêmicos, sob minha supervisão, e aconteceram na própria escola onde todos os adolescentes foram convidados a participar, podendo optar ou não segundo sua vontade. Os grupos foram constituídos no máximo por 15 adolescentes e tinham duração de 50 a 60 minutos, ocorrendo semanalmente durante o período de realização do estágio. Os temas abordados incluíram: projeto de vida, auto-estima, sexualidade, afetividade, puberdade, doenças sexualmente transmissíveis/síndrome da imunodeficiência adquirida, e outros assuntos demandados pelos adolescentes.

Ao abordar o tema projeto de vida, percebi através dos exercícios participativos que os adolescentes tomam a si como ponto de partida para projetar seus planos. Anseios e expectativas

eram verbalizados sobre o futuro de suas vidas, possibilitando questionamentos e reflexões valiosas, moderados pelo coordenador.

Do assunto sexualidade e afetividade, observei o quanto é necessário a apropriação das transformações da adolescência, tanto biológicas quanto psíquicas e comportamentais. Através de discussões sobre as mudanças corporais, adolescentes de ambos os sexos descobrem tanto o outro como a si mesmos, ampliando a visão do corpo para o contexto social e psicológico. As relações afetivas são enfatizadas e até mesmo colocadas em destaque pelos adolescentes por representarem figuras unidas em suas vidas: família, professores, colegas, namoradas(os) ou companheiras(os).

Quando o assunto foi “os valores de minha vida”, mais de 80 % de um total de 40 adolescentes colocaram suas famílias em primeiro grau de importância. Ressalto que mesmo com as fortes manifestações de tendência grupal e distância progressiva dos pais nessa fase, a família é primordialmente norte referencial ao adolescente, o que na maioria das vezes é desconhecido e de difícil percepção para a mesma (KNOBEL, 1992).

Por seu potencial comportamento de risco, o adolescente é vulnerável às DST/AIDS, portanto, esses são importantes conteúdos para se trabalhar em grupo. Mitos e tabus sobre tais agravos foram levantados e esclarecidos, permitindo várias orientações tanto relacionadas aos modos de transmissão e aspectos preventivos como, até mesmo, às repercussões na vida presente e futura de quem é portador.

As atividades educativas preventivas, terapêuticas e inclusivas, com base na descrição de minhas observações, apontam para o potencial dessa estratégia de trabalho que favorece o crescimento e desenvolvimento integral do adolescente.

Em cada encontro, fui observando a adesão dos adolescentes às reuniões em grupo, confirmada pela assiduidade, pelo interesse, pela participação ao verbalizarem idéias e pelas repetidas perguntas: “quando vocês irão voltar?” ou... “vão fazer dinâmicas com a nossa turma hoje?”.

Gradativamente, por meio das atividades, o vínculo entre nós, os adolescentes, os professores e os funcionários da escola foi crescendo. O término do estágio foi se aproximando, gerando questionamentos necessários e importantes centrados nos principais atores desse cenário, os adolescentes. Dessa experiência ficaram as seguintes questões: O que é para eles o grupo de

adolescentes na escola? O que significa para eles participar de tal grupo? Houve mudanças em suas relações com a escola, família e outros meios sociais?

Mais uma vez, minhas experiências passadas somaram-se aos anseios originados das atividades desenvolvidas no presente. Tanto como enfermeiro de uma equipe do Programa de Saúde da Família no município de Carmo da Mata/MG, como enfermeiro residente do Curso de Especialização em Saúde da Família na Modalidade de Residência Multiprofissional da UFMG em Belo Horizonte/MG e como docente do curso de Graduação em Enfermagem, levantei importantes reflexões de quando, onde e como assistiríamos adolescentes na lógica da promoção da saúde e da prevenção de agravos.

Perante o exposto e aos meus questionamentos anteriores, aprofundar neste campo de assistência ao adolescente, através da compreensão do que é vivenciado pelos participantes do grupo, só poderia ser possível a partir da óptica dos sujeitos que viveram essa experiência concreta em seu mundo-vida.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo, conhecer a percepção dos adolescentes sobre suas participações em um grupo operativo.

Para tanto, o presente trabalho é apresentado no formato de artigos, sendo a fundamentação teórica constituída de um artigo de revisão de literatura (1) e o outro referente aos resultados da pesquisa (2).



## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Artigo 1**

---

Título: Da tendência grupal aos grupos operativos com adolescentes: a identificação dos pares facilitando o processo de orientação e educação em saúde

### Resumo

Trata-se de uma revisão teórica sobre grupos operativos com adolescentes como prática educativa em saúde, levando em consideração tanto a tendência grupal manifesta durante a adolescência quanto a dinâmica, a estrutura, os princípios organizacionais e as finalidades do grupo operativo. Tem como objetivo oferecer aos profissionais de saúde reconhecimento desta estratégia como forma de educação em saúde e de enfrentamento das adversidades do cotidiano dos jovens, viabilizando e estimulando uma ação educativa que valoriza as vivências de cada participante.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a adolescência tem ocupado distinto interesse por diversas áreas do saber, através de inúmeros estudos que permitiram percebê-la como um período necessário e único do desenvolvimento humano tão importante quanto a infância e a idade adulta.

Os vários conceitos e definições acerca do que seja adolescência foram originados das diferentes áreas do saber humano, ora amplas, diversificadas, ora buscando a exatidão, sem que tenha ocorrido o encontro de uma única definição resultante do equilíbrio e da pertinência de todas as demais. Esses conceitos foram elaborados a partir de arcabouços de conhecimentos construídos, historicamente, marcados pelo objeto de seus estudos. Assim, para a Sociologia, a adolescência depende da inserção do indivíduo em determinada cultura; já a Antropologia a compreende por ritos de iniciação e passagem ao alcance da vida adulta; enquanto o Direito pauta-se nas questões de menor e maioridade a partir de uma legislação vigente.<sup>(1)</sup>

No que tange à área da saúde, as Organizações Pan-americanas de Saúde (OPAS) e Mundial de Saúde (OMS) delimitam a adolescência como a segunda década de vida (10 a 19 anos) onde ocorre um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, em que a aceleração do desenvolvimento e da personalidade são marcantes.<sup>(2)</sup>

Com as intensas transformações dessa fase surgem diversas peculiaridades como a necessidade de construção de uma nova identidade, o desempenho de novos papéis sociais, a mudança na relação de dependência da família para o grupo de pares, além da escolha de um projeto de vida e dúvidas sobre as transformações ocorridas neles próprios. Em decorrência de tais peculiaridades, que acarretam tantas mudanças de comportamento esperadas na adolescência, percebe-se o quanto essa fase deve ser particularmente valorizada por caracterizar um período de maior vulnerabilidade dos adolescentes à exposição de riscos.<sup>(3)</sup>

Conforme Mandu<sup>(4)</sup>, dentre esses riscos que constituem os principais agravos à saúde do adolescente podemos citar: as diversas formas de violência; uso de álcool, fumo e outras drogas; gravidez na adolescência; aborto e as DST/AIDS.

Na perspectiva de buscar uma assistência que previna esses agravos e promova a saúde dos adolescentes, tornam-se necessárias ações de cunho educativo direcionadas ao jovem em seu contexto de vida.

Essas ações educativas, através de metodologias participativas, devem valorizar os conhecimentos e experiências dos integrantes, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas.<sup>(5)</sup> Dessa forma, trazendo em seu bojo essas considerações, a estratégia de grupos operativos constitui um instrumento importante no processo educativo dos adolescentes.

Com o objetivo de oferecer aos profissionais de saúde uma melhor compreensão acerca dos grupos operativos, como estratégia de educação em saúde junto aos adolescentes, realizaremos uma revisão teórica sobre esse assunto, almejando conhecer as características da tendência grupal dessa fase e as bases conceituais do grupo no alcance de seus objetivos.

## DESENVOLVIMENTO

Os estudos realizados por Maurício Knobel, em 1992, levantaram importantes observações acerca da adolescência e influenciaram outros trabalhos já publicados, principalmente na América Latina, contribuindo amplamente para a identificação dessa enquanto suas manifestações do desenvolvimento psicológico-emocional esperadas.<sup>(6)</sup>

Nesse sentido, o autor utilizou dos conceitos de luto da psicanálise, destacando a adolescência como um estágio de vivência e elaboração de lutos da identidade infantil, da perda dos pais da infância e da perda do corpo infantil; o que acarreta “crises”, “dor”, conflitos e a necessidade de um ajustamento psicossocial.

A partir desse ajustamento psicossocial, esse autor define as características do desenvolvimento psicológico-emocional como Síndrome da Adolescência Normal<sup>(6)</sup>, facilitando assim sua compreensão:

- busca de si e da identidade;
- tendência grupal;
- desenvolvimento do pensamento abstrato, necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- crises religiosas (do ateísmo ao misticismo);
- deslocação temporal, onde o pensamento adquire características do pensamento primário;
- evolução sexual manifesta desde o auto-erotismo à heterossexualidade genital adulta;
- contradição sucessiva em todas as manifestações de conduta;
- separação progressiva dos pais;
- constantes flutuações de humor e estado de ânimo.

Sob esta óptica, a adolescência é percebida como um período necessário e único do desenvolvimento humano, tão importante quanto a infância e a idade adulta. Esse processo é

fundamentado não somente “no forte componente físico-corporal decorrente de um processo evolutivo, mas também de processos produzidos no âmbito da sociedade, definindo-se e modificando-se na interação com seus diversos componentes - econômicos, institucionais, político-éticos, culturais, físico-ambientais. É no concreto da vida, na construção/reconstrução e apropriação ou não de seus bens e valores materiais e culturais, na interação desse com processos somáticos, genéticos e físico-ambientais que se definem os diversos modos de vida adolescentes”<sup>(7)</sup>. Nesse contexto, família, escola e sociedade como um todo, influenciam e sofrem influência do processo de adolecer numa perspectiva do que se viveu no passado, experimenta no presente e espera para o futuro.

Knobel<sup>(6)</sup> estudando, minuciosamente, as características do ajustamento psicossocial na adolescência identificou dentre essas, a tendência grupal. O autor afirma que o espírito de grupo entre os adolescentes se manifesta pela busca de suas identidades próprias. Recorrem, como comportamento defensivo, a uma certa uniformidade grupal – superidentificação em massa – que pode proporcionar segurança e estima pessoal. As atuações desse grupo com seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar.

Para Beirão et al.<sup>(8)</sup>, a tendência grupal é necessária para construir uma nova identidade para o adolescente, tornando-o independente da família. Assim, o grupo oferecendo segurança e auto-estima funcionaria como uma ponte entre a família e o laço social. Para tanto, o adolescente rompe esses vínculos e parte na busca de si, junto com outros que vivenciam o mesmo processo longe da família, a fim de perceber-se sem influências parentais.<sup>(9)</sup>

Nessa ruptura, a identificação mútua dos adolescentes desloca o sentimento de dependência dos pais para o grupo de companheiros e amigos, fazendo com que o indivíduo

pertença mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar, inclinando-se às regras da turma em relação a modas, vestimentas, costumes e preferências de todos os tipos.<sup>(6)</sup>

Conforme Saito e Silva<sup>(1)</sup>, este senso de pertencimento ao grupo é muito marcante entre os jovens pelo fato de estarem no mesmo momento existencial, vivenciando a mesma crise, os mesmos questionamentos. Isso torna cada integrante menos frágil, menos solitário; além de fortalecer a auto-estima individual. Contudo, a necessidade de suporte emocional nessa fase, faz com que os adolescentes se submetam às atitudes que passam a ser soberanas no grupo.

Numa fase em que questionam autoridade, instituições e modo de vida dos adultos, os adolescentes necessitam de um “senso de pertencer”, que se realiza através do forte vínculo ao grupo de pares e à “cultura jovem”. Demonstam egocentrismo, falta de empatia nas relações com os adultos e profunda identificação e solidariedade com os amigos.<sup>(10)</sup>

Essa identificação profunda entre os pares, ao mesmo tempo em que oferece o distanciamento da família, dá força ao senso de independência do adolescente. Defender a independência constitui uma das lutas mais desafiadoras em um período em que os pais ainda possuem um papel ativo na vida do indivíduo. É por isso que na tendência grupal o adolescente procura um líder ao qual submeter-se, ou então, erige-se ele próprio como líder para exercer o poder do pai ou da mãe.<sup>(6)</sup>

Chipkevitch<sup>(10)</sup> ressalta que a tendência grupal se manifesta diferentemente em função do gênero e da faixa etária, e descreve importantes observações do comportamento adolescente pela divisão da adolescência em inicial (10 aos 13 anos), média (14 aos 16 anos) e final (17 aos 20 anos).

Esse autor observou que na adolescência inicial a turma de meninos é geralmente unissexual, tendendo a ser mais numerosa que a das meninas, que comumente são compostas por duas ou três amigas. O grupo dessas meninas é marcado por uma maior intimidade e troca de

confidências, enquanto os grupos masculinos são barulhentos e centrados na resistência a autoridade adulta. A escolha de amigos é guiada mais pelas preferências pessoais e interesses comuns do que pelas características de personalidade. Nesse período o envolvimento emocional tende a ser pouco intenso.

Já na adolescência média, o grupo aumenta a confiança mútua, a troca de confidências e o envolvimento afetivo com as amizades verdadeiras, cumprindo melhor a função de suporte emocional que pode ser importante em situação de conflito. Aqui, os grupos constituem importantes fontes de informação e encorajamento nos relacionamentos, que neste momento passam a ser de pares de sexo diferentes, orientados para a interação heterossexual.

Na fase final da adolescência, diminui o número de amigos, embora os relacionamentos sejam mais profundos, estáveis e significativos. Os que namoram costumam se desligar parcialmente do grupo. A necessidade de manter-se nos padrões do grupo é reduzida e as opiniões dos pais tendem a ganhar mais peso que os valores do grupo. Segundo Maakaroun<sup>(9)</sup>, ao final da adolescência os pais emergirão do distanciamento de outrora e, se tudo correu bem, serão novamente eleitos figuras de identificação.

Em todas as faixas etárias, independente do gênero, o grupo de pares cumpre importantes funções para o desenvolvimento psicossocial do adolescente. Como todos se parecem na procura de si mesmos, nas angústias e na recusa pelos valores adultos, os adolescentes cultuam o grupo como espaço privilegiado para a troca de idéias, sentimentos e experiências. Com isso, a segurança emocional, a compreensão, o suporte e o encorajamento podem ser adquiridos com a vivência grupal. As relações aí contidas incentivam o desenvolvimento dos diversos papéis e habilidades sociais influenciando o futuro padrão adulto de amizades e vida pública. O desenvolvimento das qualidades como sensibilidade, mutualidade, reciprocidade e cooperação são possíveis tanto pela diversidade de características próprias dos

integrantes quanto pelas nuances da adolescência. Além disso, os grupos permitem a vasão dos impulsos sexual e agressivo, facilitando o desligamento das figuras parentais.<sup>(10)</sup>

Todavia, o jovem que, para ser incluído em determinado grupo, assume comportamentos de seus pares sem estar preparado, convive com o incremento de riscos que podem levar a agravos em graus variáveis.<sup>(1)</sup>

Dessa forma “o grupo nem sempre tem um caráter integrativo ou está a serviço de promover a integração da personalidade, solidariedade e continuidade do sistema social. Pode se tornar foco potencial de anormalidades ou de propostas de transformação social, o que traz à tona o caráter potencialmente problemático de grupos juvenis e da própria juventude como condição chave para o processo de transmissão da herança social”.<sup>(11)</sup>

De acordo com Marques et al.<sup>(12)</sup>, as características do desenvolvimento psicossocial do adolescente podem tender à vulnerabilidade e riscos, ao agir no sentido do rompimento com valores familiares, muitas das vezes de forma arriscada e destemida.

Guimarães e Ferreira<sup>(13)</sup> afirmam que tanto as formas de adoecer quanto as causas de morte dos adolescentes estão comumente associadas aos comportamentos ditados pelos grupos que os norteiam.

O comportamento do adolescente, por ser muito influenciado pelo grupo, principalmente, na adolescência inicial e média, torna-se aspiração inquietante para o candidato a integrante de tal grupo. Outra reflexão quanto a esses comportamentos faz-se, por exemplo, na experimentação coletiva de cigarros, bebidas e drogas ou em atos anti-sociais. Por estar em grupo, a responsabilidade na concepção do adolescente parece diluir-se; ele acredita que tais atitudes não oferecem nenhum tipo de risco.<sup>(10)</sup>

A escolha do adolescente ao assumir os comportamentos que colocam sua própria saúde, sua vida em risco está muito pautada no “currículo oculto” que traz consigo. Saito e



Silva<sup>(1)</sup> explicam essa denominação como algo apreendido em termos de valores familiares, mesmo antes de seu nascimento até a adolescência. Nesse percurso, as autoras afirmam que a família funciona como primeiro grupo de referência do ser humano e certamente vai influenciar sua inserção em outros.

Dessa forma, os adolescentes tendem a se vincular a amigos e ao grupo de pares que espelham seus próprios valores e semelhanças, sendo que a família tem uma influência sobre esta escolha de um modo mais expressivo do que se pensava. Uma relação muito conflituosa com as figuras parentais tende a levar os adolescentes a se orientarem predominantemente pelo grupo. Se o grupo molda inúmeros comportamentos assim como atitudes e linguagem transitórias, os pais acabam tendo maior ascendência em questões de ordem moral ou nas escolhas a longo prazo. Bandos e gangues de condutas delinquentes, freqüentemente, são formados de adolescentes oriundos de famílias desorganizadas e com integrantes portadores de distúrbios psicopatológicos.<sup>(10)</sup>

Em uma discussão sobre “Adolescência, Cultura, Vulnerabilidade e Risco - A Prevenção em Questão”, Saito e Silva<sup>(1)</sup> mostram um outro aspecto com relação à adolescência e marginalidade. As autoras comentam que os estereótipos e os preconceitos criados pelos adultos acerca da adolescência são frutos da cultura social. Os jovens são vistos como sendo irresponsáveis, desconsiderando que a própria sociedade cultua uma adolescência de longa duração, indeterminada, de elevada carga de conflitos e apresentando grosseira assincronia entre maturidade sexual e maturidade social; à custa da susceptibilidade às novidades tanto políticas como tecnológicas veiculadas pelos meios de comunicação.

Sendo assim, a vinculação do adolescente ao grupo pode ser utilizada de maneira positiva e não encarada sempre como uma forma perigosa, agressiva e fortalecedora de condutas anti-sociais.

Por outro lado, a tendência grupal na adolescência pode configurar-se como fator de proteção, através da promoção de mudanças de atitudes e de comportamentos próprios entre seus pares, levando-os a fazer escolhas mais saudáveis e a exercer melhor o controle sobre a sua saúde e o ambiente que o rodeia.<sup>(14,15)</sup>

Nessa perspectiva, a utilização da estrutura grupal como instrumento de promoção, prevenção e atenção à saúde integral dos adolescentes destaca-se como estratégia de ação. A necessidade de buscar suas identidades e de apoio durante essa fase possibilitam ao grupo ser mediador de questões que favoreçam comportamentos secundários.

Para tanto, Munari e Furegato<sup>(16)</sup> afirmam que estudar a importância dos grupos é incontestável, pois grande parte das atividades desenvolvidas pelos seres humanos é realizada em grupos, desde o seu nascimento até a morte.

Através dos grupos (família, amigos, trabalho), os sujeitos humanos se reconhecem como participantes de uma sociedade, inseridos em uma teia de relações e papéis sociais, através dos quais constroem suas vidas. Os grupos podem ser divididos em grandes grupos como classe social, dentre outros e em pequenos grupos como os de convivência e grupos de atendimentos. Estes últimos, cada qual a sua maneira, possuem uma ligação com uma instituição; valores e práticas sociais, expressas por leis, normas e costumes para família, mundo de trabalho, amizades, religião, etc. Dessa forma, os grupos tem uma história própria com aspectos particulares, um jeito de ser próprio, singular e um pertencimento social pelo qual se fazem similares a outros grupos.<sup>(17)</sup>

O atendimento em grupo, como recurso da área de saúde, teve suas origens em 1905 com o médico Joseph Pratt no Hospital geral de Massachussets, nos EUA. Primeiramente, Pratt e seus seguidores utilizaram o método de grupo em pessoas com doenças somáticas e depois em tuberculosos, diabéticos e cardíacos. Os grupos partiam do pressuposto de que os resultados do

tratamento dependiam da influência benéfica de uma pessoa sobre a outra, através do suporte emocional existente entre indivíduos com preocupações e experiências semelhantes. Dentre os estudiosos que, no início do séc. XX, utilizaram grupos como recursos para assistir pessoas podemos citar: Marsh e Lazell com pacientes psiquiátricos institucionalizados; Trigant Burrow nas terapias grupais com pessoas fora das instituições, assim como Wender e Schilder do Setting grupal em experiências distintas; Jacob Lewin Moreno criador da abordagem psicodramática teatral e Bion e Foulkes na psicoterapia de grupo analítica.<sup>(18,19)</sup>

A partir da década de 30 as contribuições de Kurt Lewin marcaram consideravelmente todos os estudos que vieram a seguir. Foram os primeiros trabalhos mais sistematizados sobre os grupos que os delimitavam como campo de estudo e pesquisa. Além de criar a expressão “dinâmica de grupo” que popularizou-se desde a segunda guerra mundial, este pesquisador diferenciou-se dos demais até o momento, pois na sua perspectiva “o grupo não é meramente uma coleção de indivíduos, mas uma entidade em si mesmo, com qualidades que podem diferir daquelas de cada membro em particular”. Assim, os grupos que até então eram utilizados com finalidades estritamente terapêuticas, passam a ter ênfase no contexto educacional com pequenos grupos, desviando-se do modelo médico.<sup>(19)</sup>

Desde então, os estudos de Lewin possibilitaram uma grande expansão da utilização do enfoque grupal no contexto dos movimentos norte-americanos. Dentre estes destacamos o da terapia gestáltica de Parls, dos grupos tipo Synanom, das terapias nudistas, dos grupos de terapia da bioenergética e das maratonas além dos trabalhos de Carl Rogers que da terapia centrada no cliente transportou-a para o contexto grupal.<sup>(18)</sup>

Os trabalhos com grupos na atualidade, norteados pelos estudos até aqui mencionados, diversificaram-se em muitas vertentes. Dentre estas vertentes temos a do grupo operativo que teve como precursor Enrique Pichon-Revère.<sup>(20)</sup>

Pichon-Rivière (1907-1977) foi um médico psiquiatra e psicanalista que nasceu na Suíça e viveu na Argentina desde os 4 anos de idade. Desenvolveu a teoria e técnica de grupos operativos, a partir de uma atitude extremada, colocando pacientes menos comprometidos em seu estado de saúde para cuidar dos mais comprometidos. Essa atitude ocorreu durante uma incidente greve do pessoal de enfermagem no Hospital De Las Mercês, em Rosário, onde era docente e clínico. Nessa situação observou que ambos os subgrupos de pacientes apresentaram significativa melhora de seus quadros clínicos. Os elementos referenciais do processo de evolução desses pacientes foram possíveis através da ruptura de definições de papéis de quem cuida para quem é cuidado e do novo processo de comunicação estabelecidos entre eles. O resultado intrigante levou Pichon-Rivière a estudar os fenômenos grupais a partir dos postulados da psicanálise, da teoria de campo de Kurt Lewin, que culminaram nas bases estruturantes dos grupo operativos.<sup>(14)</sup>

Essa compreensão dos fenômenos grupais não partem do ponto de vista psicoterápico, mas sim, da operação de tarefas objetivas que no âmbito institucional médico, pedagógico e empresarial tem influenciado e difundido idéias de Pichon-Rivière e seus seguidores desses temas no Brasil.<sup>(21,22)</sup>

De acordo com Pichon-Rivière<sup>(20)</sup>, essas tarefas juntamente ao vínculo constituem os princípios organizadores do grupo operativo. O vínculo é um mecanismo de interação que, ao mesmo tempo, é bicorporal pela presença sensorial de dois corpos, e tripessoal, pois além das duas pessoas existe uma terceira que vem do mundo interno e interfere nessa relação. Essa estrutura rege todas as relações humanas, por incluir fantasias inconscientes que são produtos de interação entre os vínculos. Configura-se uma estrutura complexa que rege, incluindo um sistema transmissor-receptor, uma mensagem, um canal.<sup>(20)</sup>

Como tarefa, compreende-se o modo pelo qual cada integrante interage segundo suas próprias necessidades em torno de objetivos comuns, emergindo daí obstáculos de várias

naturezas. Como diferenças e necessidades pessoais e transferenciais, diferenças de conceitos e marcos referenciais e do conhecimento formal propriamente dito. A tarefa como trajetória que o grupo percorre para atingir suas metas, necessita de aprendizagem que, para Pichon-Revière, é sinônimo de mudança.<sup>(14)</sup>

Ao caracterizar grupos operativos, Afonso<sup>(17)</sup> afirma que a mudança é exigida diante de uma problemática que é influenciada especialmente por fatos sociais, culturais e psíquicos, transformando não apenas a mente, como também as práticas e relações que os participantes desenvolvem em seu cotidiano.

Assim, a aprendizagem ocupa lugar importante perante as mudanças. Para Berstein<sup>(23)</sup>, é através da capacidade do grupo e de cada um de seus integrantes que se torna possível o desenvolvimento de condutas alternativas diante das mudanças, através da compreensão e da ação transformadora da realidade, não repetindo sempre as mesmas condutas.

Para Gayotto<sup>(24)</sup>, aprender em grupo significa que, na ação educativa, estamos preocupados não apenas com o produto de aprendizagem, mas com o processo que possibilitou a mudança dos sujeitos. É uma ação formadora do sujeito para a vida, rejeitando a simples transmissão de “conversas do saber”.

Discutindo a estrutura e dinâmica do grupo operativo, Abduch<sup>(14)</sup> esclarece que esse é composto por, no máximo, 15 integrantes e possui um coordenador e um observador. Seus integrantes entram em tarefa por meio de um disparador temático, passando o grupo a operar ativamente como protagonista. Os grupos possuem normas básicas de conhecimentos, como local e horários definidos. O coordenador é um facilitador do processo, na medida em que cria condições para comunicação e diálogo, auxiliando o grupo a superar os obstáculos que emergem na realização da tarefa. Compete ao observador uma percepção global do processo (por sua distância ótima do grupo) através de registros gráficos e de expressões verbais e gestuais dos

integrantes e do coordenador, a fim de auxiliá-lo na elaboração da crônica evolucionária do trajeto percorrido pelo grupo.

Segundo Afonso<sup>(17)</sup>, o papel do coordenador nesta modalidade grupal “é cada vez mais o de um co-pensador e co-operador, de um dinamizador das relações, de um mediador das informações e da reflexão, do que de um educador que detém conhecimento”.

Ainda caracterizando a estrutura do grupo operativo, Abduch<sup>(14)</sup> relata que cada participante comparece com sua história pessoal consciente e inconsciente, isto é, com sua verticalidade. Na medida em que constituem grupos, passam a compartilhar necessidades em função de objetivos comuns e criam uma nova história, a horizontalidade do grupo que não é simplesmente a somatória de suas verticalidades, pois há uma construção coletiva, resultante da interação de aspectos de sua verticalidade, gerando uma história própria, inovadora, que dá ao grupo sua especificidade e identidade grupal.

Com relação a importância do grupo operativo para os adolescentes, Beirão et al.<sup>(8)</sup> explicam que a adolescência, como processo de *desconstrução e reconstrução* da identidade, traz consigo muitas *tarefas* que o jovem terá de cumprir no seu caminho rumo à conquista da personalidade adulta. As intensas transformações físicas, psíquicas e sociais desse momento tornam os adolescentes mais vulneráveis a diversas situações do seu dia-a-dia, que possam por em risco a sua integridade. Por outro lado, o desconhecimento do processo de adolescência e a *falta de espaços* aos quais possam recorrer tornam-lhes mais inseguros.

Para tanto, os mesmos autores ressaltam a importância de se criar espaços plurais onde os adolescentes possam se expressar de modo mais amplo; não só receber informações, mas também falar de si, discutir melhor as suas questões e expor seus sentimentos, ou seja, possam ser vistos na sua singularidade. Embora seja importante focalizar o sujeito, é junto a outros que os jovens terão mais facilidade de expressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o estudo da estratégia de grupos operativos com adolescentes possibilita uma melhor compreensão de sua dinâmica, estrutura, princípios organizacionais e finalidades. No que tange aos profissionais da saúde, reconhecer essa estratégia de educação em saúde como forma de enfrentamento das adversidades do cotidiano dos jovens viabiliza e estimula uma ação que valoriza as vivências de cada participante.

O grupo operativo com adolescentes, através da identificação mútua dos seus integrantes, é capaz de promover hábitos saudáveis de vida, funcionando como um potencial indutor desse processo. Assim, esses hábitos de vida orientados pelo construído na aprendizagem grupal, configuram-se como fatores de proteção à saúde do adolescente rumo à vida adulta.

Repensar as práticas educativas em saúde, envolvendo adolescentes, pressupõe um novo olhar sobre o jovem e seu papel na família, escola e sociedade, em que as tarefas a serem desempenhadas nestes contextos possam ser discutidas num processo dinâmico e criativo, norteado pela experiência de cada um.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Saito MI, Silva LEV. Adolescência: prevenção e risco. São Paulo: Atheneu. 2001.
- 2- Brasil. Ministério da Saúde. Saúde do Adolescente. Brasília; 2006. [Citado em: 15 setembro 2006] Disponível em: [http:// www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br).
- 3- Amado CR, Leal MM. Anticoncepção de emergência na adolescência. Rev Pediatría Moderna, vol. XXXVII, maio 2001. p. 7-9. Edição Especial, *apud* Domingos, SRF. A consulta ginecológica sob a ótica de adolescentes: uma análise compreensiva [dissertação]. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG; 2003.

- 4- Mandu ENT. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: Associação Brasileira de Enfermagem - Projeto Acolher. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: ABEn; 2001. p. 61-76.
- 5- Lopes EB et al. Metodologias participativas. In: Associação Brasileira de Enfermagem – Projeto Acolher. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: ABEN; 2001. p.144-153.
- 6- Knobel M. A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury A, Knobel M. *Adolescência normal*. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992. p. 24-59.
- 7- Ramos FRS. Bases para uma resignificação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: Associação Brasileira de Enfermagem – Projeto Acolher. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: ABEN; 2001. p.13.
- 8- Beirão MMV et al. Adolescência. In: Alves CRL, Viana MRA. *Saúde da família: cuidando de crianças e adolescentes*. Belo Horizonte: COOPMED, 2003. 109-133p.
- 9- Maakaroun MF. Considerações gerais sobre a adolescência. In: Maakaroun MF, Souza RP, Cruz AR. *Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1991. p.6.
- 10- Chipkevitch E. Adolescência e puberdade: a dimensão psicossocial. In: *Puberdade e adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais*. São Paulo: Roca. 1994. p. 111-161.
- 11- Eisenstadt SN. De geração a geração. São Paulo: Perspectiva; 1976 apud Abduch C. Grupos operativos com adolescentes. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. p 289-300.
- 12- Marques LF et al. O uso indevido de drogas e a AIDS. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. p 175.



- 13- Guimarães EMB, Ferreira RA. Exame do adolescente. In: Lopez M, Medeiros JL. *Semiologia Médica: as bases do Diagnóstico Clínico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Revinter; 1999. p. 1394-1400 *apud* Beirão MMV et al. *Adolescência*. In: Alves CRL, Viana MRA. *Saúde da família: cuidando de crianças e adolescentes*. Belo Horizonte: COOPMED, 2003. 109-133p.
- 14- Abduch C. Grupos operativos com adolescentes. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. p 289-300.
- 15- Serra ASL, Cannon LRC. Pelo andar se faz um caminho! Uma proposta metodológica de educação em saúde para adolescentes. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. p 276-288.
- 16- Munari DB, Furegato ARF. *Enfermagem e Grupos*. Goiânia: AB; 2003.
- 17- Afonso L et al. *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.
- 18- Cappon J. El movimiento de encuentro en psicoterapia de grupo: descripción y análise critico. México: Trilhas, 1978 *apud* Munari DB, Furegato ARF. *Enfermagem e Grupos*. Goiânia: AB; 2003.
- 19- Wood JK. *Pequenos grupos centrados nas pessoas: mais que terapia*. Campinas: PCSG, 1990 [mimeografado] *apud* Munari DB, Furegato ARF. *Enfermagem e Grupos*. Goiânia: AB; 2003.
- 20- Pichón-Rivière E. Técnica de Grupos Operativos. In: Pichón-Rivière E. *Processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 87-98.
- 21- Baremblit G e cols. *Grupos: teoria e técnicas*. Rio de Janeiro: Graal: 1986 *apud* Munari DB, Furegato ARF. *Enfermagem e Grupos*. Goiânia: AB; 2003.

22- Zimerman DE. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; 1993 apud Munari DB, Furegato ARF. Enfermagem e Grupos. Goiânia: AB; 2003.

23- Berstein M. Contribuições de Pichón-Rivière à psicoterapia de grupo. In: Osório LC. Grupoterapia hoje. Porto Alegre: Artes Médicas; 1986. p 108-132.

24- Gayotto MLC, Domingues I. Liderança: aprenda a mudar em grupo. Petrópolis: Vozes: 1995.

### **3- PERCURSO METODOLÓGICO**

---

### 3- Percurso Metodológico

#### **3.1 – Da procura de um caminho à pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica**

Para compreender o que significa o grupo de adolescentes realizado na escola, para aqueles participantes, percebi através dos meus sentidos, principalmente ao ouvi-los, que minha inquietação estava diante de um emaranhado de questões subjetivas. A subjetividade ganhava força a cada reunião, facilmente observada pelo singular discurso e opinião de cada integrante naquele espaço plural. Quando aguçava ainda mais meus sentidos, seja pela visão, pelo tato ou olfato eu conseguia identificar diferentes expressões faciais, mãos tanto gélidas quanto afáveis pelo cumprimentar, perfumes e odores bem distintos, denotando assim tamanha diversidade subjetiva do grupo, exclusivamente, composto por adolescentes.

A partir dessas percepções, entendi que meu objetivo não era a busca de explicações causais desses comportamentos, nem mesmo a quantificação do número de adolescentes satisfeitos e insatisfeitos, amedrontados e participativos. Assim, busquei a difícil e esclarecedora compreensão dos significados dessas experiências do *mundo-vida* dos adolescentes participantes do grupo na escola, embasando minha escolha pela pesquisa qualitativa.

Para Biff (1991, p 20) “... a pesquisa qualitativa busca atributos, o que é próprio de um ser, não se inquieta com generalizações, princípios e leis. A sua atenção é focalizada no sujeito, no particular, visando sempre a compreensão, entendida como um atributo próprio do homem, e não a explicação dos fenômenos estudados.”

Perscrutando a literatura em pesquisa qualitativa não só o que esse último autor nos diz, mas também o que outros mencionam, pude identificar a necessidade de um rigor metodológico

para que eu conseguisse atingir o objetivo do estudo. Este objetivo, para ser alcançado, precisa de um caminho para chegar ao significado da experiência.

Nesse anseio, seria primordial que a vivência genuína e singular de cada adolescente participante do grupo fosse compreendida a partir da imersão nos discursos desses sujeitos e da linguagem não-falada contida em suas experiências.

Valorizando essas linguagens, através do sentido da existência, encontrei na fenomenologia uma das modalidades qualitativas de se fazer pesquisa, descobrindo tanto o rigor metodológico quanto o caminho que procurava. A fenomenologia era adequada ao que me propus a fazer.

### **3.2 - Alguns Fundamentos da Fenomenologia**

A palavra fenomenologia foi utilizada pela primeira vez por J. H. Lambert em 1764, compreendendo-a como teoria da aparência, visão falsa da realidade (CAPALBO, 1996). Essa compreensão também foi utilizada por Fichte em 1804, porém com significado distinto de Lambert, explicando aparência como manifestação de algo real, verdadeiro, uma revelação.

A fenomenologia passou a ser compreendida como uma linha de pensamento a partir do matemático Edmund Husserl (1859-1938), no período em que acontecia a crise da cultura científica na Europa. Os motivos reais de se fazer pesquisa, pelo então Positivismo, eram somente pelas explicações causais e serventia deste método científico. Não estava em discussão a capacidade de explicação e resolução de questionamentos pela corrente positivista, mas sim o seu sentido para a humanidade (RIBEIRO, 2004).

De acordo com Dartigues (1992), essa crise perdura até os dias atuais. Tal abalo existe ainda não só no mundo todo, mas também no meu próprio *ser-estar*. Mesmo tendo abraçado o

ofício da enfermagem e da docência, áreas fundamentadas no encontro de seres humanos (cuidador/seres cuidados – educador/educandos), minha formação foi construída nos moldes positivistas. Não posso também desconsiderar que não houve tentativas para que se percebesse a subjetividade do outro. Porém, adequar essa possibilidade ao mundo-vivido das pessoas ao meu redor, exigiria um esforço de repensar suas próprias existências. A questão não é a subjetividade se sobrepôr à objetividade, e nem vice-versa, mas sim estas serem precisas quando se fizerem necessárias. Volto-me assim para o que neste trabalho necessito, compreender o vivido dos sujeitos e empregar, necessariamente, uma forma de reflexão que inclua a possibilidade de olhar as coisas como elas se manifestam, originariamente, na sua essência (MARTINS et al., 1990).

Conforme mencionado por Spíndola (1997), “a fenomenologia é o discurso esclarecedor daquilo que se mostra em si mesmo”. Assim, os dizeres “phainomenon” (fenômeno) significa aquilo que se mostra por si mesmo, e “logos” o discurso que esclarece.

“A fenomenologia é, portanto, um pensar a realidade de modo rigoroso” (BICUDO; ESPÓSITO, 1994), compreendendo o que era incompreensível sob a óptica de quem não experimentou o vivido de quem o experienciou.

Para Capalbo (1998), “a fenomenologia mostra, explicita, aclara, desvela as estruturas cotidianas do mundo-vida onde a experiência se verifica, deixando transparecer na descrição desta experiência vivida as suas estruturas universais”.

Interrogar o fenômeno velado da vivência dos jovens participantes do grupo de adolescentes realizado pelos acadêmicos de enfermagem da UFVJM foi possível a partir da minha experiência como enfermeiro e como docente. Percebi que esse fenômeno merecia ser compreendido, pois essa é uma experiência concreta do mundo-vida adolescente participante do grupo operativo. Dessa experiência vivenciada pelo adolescente emergem significados que merecem ser desvelados. Conhecendo tais significados, entenderia melhor o adolescente ser-no-

mundo, possibilitando um cuidado ao grupo, direcionando-o a quem o experiencia: o sujeito participante. Com isso, o caminho para tornar-se adulto poderia ser melhor acompanhado e orientado através de suas próprias perspectivas e necessidades.

A fenomenologia enquanto ciência do vivido, para que seja concebida como tal, necessita de um objeto de estudo e esse objeto é o fenômeno. Fenômeno “é, então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga” (MARTINS et al., 1990, p.141).

Esse objeto da investigação fenomenológica constitui como uma alternativa para trabalho e estudos, cuja abordagem traz consigo a necessidade de ver o outro, dentro do outro, como o outro (BOEMER, 1994). A mostraçã, que possibilita a clarificação do obscuro na experiência do outro, tem a linguagem como cerne para o desvelamento do fenômeno: a essência.

Para Collière (1999), a primeira fonte de conhecimentos necessária para que possamos cuidar é a própria pessoa ou grupo a ser cuidado. Para descobrir, escutar e compreender o que nos dizem as pessoas com as quais convivemos, são necessários dois reaprendizados importantes: reaprender a linguagem e reaprender a ver. Do primeiro, percebemos que a linguagem profissional é estranha às linguagens usuais; as pessoas falam-nos do que podem fazer ou do que já não podem assegurar por si próprias em termos de preocupações, ou de dificuldades. Dão-nos, de diferentes maneiras, as chaves de suas preocupações, do que as incomoda, mas a linguagem profissional não pode ouvir porque já não compreende nada, ou quase nada, da linguagem de todos os dias. A linguagem profissional perdeu as referências simbólicas que dão sentido ao que as pessoas exprimem, não compreende e transpõe o que se refere às normas do normal e do patológico. Do segundo, reaprender a comunicação não-verbal consiste na capacidade de descobrir toda a multiplicidade de pequenos sinais que uma pessoa transmite pelo olhar, pela fãceis, o penteado, o traje, a postura, bem como os sinais provenientes de seu meio social, do espaço em que se situa. Todos esses sinais nos comunicam uma multiplicidade de informações,

através das quais as pessoas falam de si próprias. Esses sinais precisam ser ligados ao que a pessoa exprime e ao que ela tem vontade de deixar perceber ou esconder. Eles são explicitações do dizer, se não forem interpretados isoladamente – o que leva, infalivelmente, ao erro – ou se forem encontrados os laços que têm entre si, procurando a luz que leva à compreensão da situação.

Para a fenomenologia, a linguagem é a forma ideal de se compreender a vida humana e a interação social, pois ela faz parte da realidade vivenciada no cotidiano dos indivíduos, uma vez que é por meio dela que eles se comunicam (MINAYO *apud* OLIVEIRA, 2001).

Assim, chegar à verdade (“mostração da essência”) requer uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) (BICUDO e ESPÓSITO, 1994).

Portanto a seguir, na busca à essência, serão explicados os três momentos não-seqüenciais imprescindíveis nesta trajetória: descrição, redução e compreensão fenomenológica (MARTINS et al., 1990) e (MARTINS e BICUDO, 1989).

#### a- Descrição

Neste primeiro momento o pesquisador tem a tarefa de descrever de forma ingênua, espontânea e irrefletida as experiências do sujeito em seu mundo-vida, procurando a essência a partir daquilo que lhe é mostrado. Tal descrição é possível pela observação e pela entrevista que se “configura pelo relato de alguém que sabe alguma coisa para alguém que não sabe” (MARTINS et al., 1990, p. 145). O pesquisador nesta etapa, ao mesmo tempo em que escuta atentamente o sujeito, envolve-se na entrevista, suspendendo suas pré-concepções, o que possibilita o desvelar do fenômeno a partir do que é colocado pelo entrevistado.

#### b- Redução



A redução fenomenológica ou “epoché” é o segundo momento da trajetória fenomenológica em que o pesquisador se afasta, se retira, ou suspende, quaisquer crenças, teorias, pressupostos e explicações referentes ao fenômeno interrogado pelo pesquisador. Essa suspensão se faz necessária para que não ocorra influência ou interferência por parte do pesquisador no que foi vivenciado pelo sujeito. Dessa forma, teorias e pressupostos a priori podem discordar da compreensão dos fenômenos e sua descrição final. É preciso purificar o fenômeno de tudo o que ele tem de contingente para fazer aparecer a sua essência.

#### c- Compreensão

Na terceira e última fase da trajetória fenomenológica o pesquisador busca compreender o fenômeno através da interpretação dos achados. A reflexão sobre o não-refletido possibilita clarificar, trazer à tona o que antes estava submerso, oculto. A fundamentação dessa reflexão é alcançada tanto pelo embasamento teórico filosófico de um ou mais fenomenólogos, quanto por outros autores estudiosos da área e do próprio pesquisador sob sua óptica. Em se tratando da pesquisa fenomenológica, essa compreensão é individual, pois o fenômeno é baseado em perspectivas.

### **3.3 - A fenomenologia à luz de Martin Heidegger**

A cada leitura e releitura das entrevistas realizadas com os adolescentes, busquei no referencial literário da fenomenologia, possíveis autores para fundamentar a reflexão: o significado da participação do adolescente no grupo operativo realizado na escola.

Nessa busca, vislumbrei Martin Heidegger ser o autor do qual minhas interpretações se aproximavam, pois sua visão e modo de pensar me elucidavam potencial esclarecedor para o meu questionamento.

Não se tratava de compreender o fenômeno “grupo de adolescentes na escola” fundamentando minha análise no arcabouço bibliográfico do filósofo Heidegger, pois seria pretensioso de minha parte, seja por minha formação baseada nos moldes positivistas, seja por minhas leituras que ainda precisam de mais estudos. Assim, esse referencial apresenta-se além de encantador, desafiante, pois almeja novas reflexões que ora seriam postas e colocadas como imutáveis e inquestionáveis.

As considerações que faço a seguir são algumas apreensões do que li tanto de referenciais de Heidegger quanto de outros autores estudiosos, considerando-as ser importantes para o sustentáculo e análise deste trabalho. Martin Heidegger foi um filósofo alemão discípulo de Husserl, buscando o sentido do ser/sentido da verdade e considerando que antes da consciência existe o próprio ser humano que ele chama de ser-aí.

A fenomenologia de Heidegger compreende que o ser humano se encontra naquilo com que se relaciona com os outros, orientando-se pela consideração e paciência que temos com os outros por meio de experiência e expectativas da vida cotidiana.

Na visão desse autor, o estudo do “ser enquanto ser” busca as origens genuínas que possibilitam a tudo se manifestar e a apresentar-se. O porquê de tudo e a procura das causas não são almejados, mas sim, a busca no cotidiano, deixando de lado conceitos para aproximar-se dos problemas fundamentais (SPANOUDIS, 1981).

Essa maneira envolvente e significativa de relacionar-se com alguém tendo a paciência e a consideração como base, foi denominada por Heidegger como solitudine. A solitudine, para este filósofo, possui dois extremos: o primeiro extremo de solitudine se configura quando me debruço sobre o outro, dominando-o, transferindo/retirando dele o cuidado próprio e subtraindo-lhe o seu posto nas ocupações em que deveria ser responsável. Em outras palavras, pôr no colo, mimá-lo,

realizar tudo pelo outro. O outro extremo é o de possibilitar ao outro, fazer e construir os seus próprios caminhos, crescer, avançar, amadurecer e encontrar-se consigo mesmo.

Tanto o auto-cuidado, como o cuidado para com os outros, são fundamentados no encontro consigo mesmo e com os outros seres humanos, respectivamente. Com isso, compreende-se solicitude como preocupar-se com, ou seja, como cuidado.

O existir humano é dependente do significado que é atribuído ao cuidado, pois a concepção de cuidado humano é imprescindível para que se possa permanecer, necessitando cuidado para viver, existir. Portanto, o significado da vida e da existência do ser precede um cuidado que abre o homem no seu existir. Heidegger (2000) descreve o cuidado como sendo estado primordial do ser do homem, buscando sua autenticidade que é também fundamental para que se possa interpretar o ser-humano. O cuidado possibilita a permanência do ser, com ele passa-se a ser humano.

Pelo prisma ótico desse filósofo pude perceber que o fenômeno “grupo de adolescentes” na escola é repleto de preocupações. Preocupa-se em ser um espaço em que os adolescentes possam se expressar, questionar suas dúvidas e serem orientados quanto às temáticas relacionadas à adolescência. Preocupa-se também para que esse dispositivo seja um instrumento do processo ensino-aprendizagem dos acadêmicos de enfermagem, atentando-os para a prestação de cuidado nesta importante fase do ciclo de vida. Esta imbricação de preocupações constitui-se num envolver importante, significativo com o outro, permeado pela paciência, tolerância, respeito e consideração com os envolvidos.

Nessa percepção, o grupo de adolescentes na escola fundamenta-se na participação, no estar-com-o-outro. Quando o adolescente participa, ele ouve, expressa, é orientado e pode ser capaz de cuidar de si e do grupo com quem mora, estuda e convive.

Sendo assim, o referencial de Martin Heidegger mostrou-se para mim como um fio condutor levando-me a clarificar, desvelar, compreender o significado da participação de adolescentes em grupos operativos, na escola, sob a perspectiva dos jovens que os vivenciam.

### **3.4 – Os adolescentes e o cenário de estudo**

O estudo contou com a participação de nove adolescentes, sendo seis do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades entre dez e quinze anos. Todos eram estudantes matriculados na quinta série do ensino fundamental na Escola Estadual Professora Izabel Mota, localizada no bairro Bom Jesus em Diamantina, estado de Minas Gerais, onde também residiam os sujeitos da pesquisa.

As reuniões dos grupos eram realizadas nas dependências da escola, como atividade prática da Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente, da qual sou o docente responsável. Por iniciativa da própria direção escolar, os grupos aconteciam durante o horário das aulas, quando as atividades desenvolvidas tinham frequência semanal e duração máxima de sessenta minutos.

A instituição escolar onde foi realizado o estudo está localizada no bairro Bom Jesus em Diamantina/MG, município pertencente a região do Alto Jequitinhonha. O Vale do Jequitinhonha recebe esta denominação por ser uma área banhada pela bacia do Rio Jequitinhonha. É conhecido como uma das regiões mais pobres do mundo, com alta taxa de analfabetismo e de mortalidade infantil, e baixa esperança de vida (DATASUS, 2005). A população das cidades que compõem o Vale é assolada por diversas mazelas como pobreza, desemprego, alta desigualdade social, baixos índices de desenvolvimento humano e infantil. Contrastando com essa dura realidade, a região

destaca-se pela riqueza de suas manifestações culturais e por ter um povo corajoso que sabe encarar o duro cotidiano.

A cidade de Diamantina possuía uma vasta reserva mineral de diamantes que vem se esgotando devido às atividades predatórias da mineração e extração, ao longo dos anos. Graças à preservação de sua cultura e de sua arquitetura colonial, Diamantina é hoje, mundialmente, conhecida por ter sido tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade. O turismo e o artesanato são as importantes fontes de renda no município.

A Escola Estadual Professora Izabel Mota é pertencente à rede estadual de ensino público e foi criada pelo governo do estado de Minas Gerais a partir do decreto nº. 6525 de 24/03/1962 (MINAS GERAIS, 1962) e autorizada em 10/10/1963 sob o decreto nº. 7217 (MINAS GERAIS, 1963). Funciona atualmente nos turnos matutino, vespertino e noturno, ofertando a 875 alunos todo o ensino fundamental que vai desde a fase introdutória à oitava série. Possui em seu quadro de recursos humanos: um diretor, dois vice-diretores, duas supervisoras, vinte e três professores e dezenove funcionários entre serviços gerais, secretaria e biblioteca. Oferta também, através da Secretaria Estadual de Educação, o projeto “Educação de jovens e adultos”, no período noturno.

Tendo seu diretor autorizado por escrito o desenvolvimento da pesquisa na instituição (ANEXO 1) e o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG ter sido favorável à realização da pesquisa (ANEXO 2), iniciei a coleta dos dados mediante entrevistas com os adolescentes que participaram dos grupos de adolescentes.

### **3.5 - A coleta dos depoimentos com os adolescentes**

Para que pudesse desenvolver o estudo foi necessário antes mesmo das entrevistas, explicar aos professores e aos responsáveis pelos alunos do que se tratava a pesquisa. Desta

forma, aproveitando uma reunião escolar onde estariam presentes o diretor, professores e responsáveis legais pelos alunos participantes do grupo, informei aos presentes de forma simples e detalhada sobre meu percurso na área estudada, propósitos e metodologia a ser utilizada. Ressaltei que era importante e fundamental o apoio de todos para a execução do trabalho. A respeito das entrevistas, expliquei aos responsáveis pelos adolescentes que seria necessário o consentimento por escrito para que seus filhos pudessem participar da pesquisa. Após a reunião, os responsáveis interessados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (ANEXO 3) e foram ainda orientados que nem todos os adolescentes seriam entrevistados, pois o número de entrevistas seria de acordo com os critérios adotados na pesquisa.

As entrevistas foram agendadas para os dias posteriores e realizadas na própria escola, durante o horário de aula, com o consentimento tanto do professor daquele horário quanto do diretor escolar.

De posse dos TCLE assinados pelos responsáveis, dirigia-me até a sala de aula, solicitando ao professor dispensa daquele aluno para que este pudesse ser entrevistado. A seguir, ainda no pátio da escola, informava-lhe novamente sobre o estudo, seus objetivos e a forma como seria executada a entrevista, convidando-o assim a participar. Caso aceitasse o convite, eu o conduzia até um local de entrevista, onde ele, assim como seus responsáveis legais, também assinava um TCLE (ANEXO 4). Todos os jovens convidados aceitaram participar da pesquisa. Acredito que a relação empática de confiança e respeito estabelecida pela convivência semanal foi primordial para que tivéssemos essa aceitação.

O primeiro local escolhido para entrevista foi uma sala exclusiva da direção da escola. Quando conduzi o primeiro adolescente a ser entrevistado a este local percebi certo receio e preocupação ao entrar naquele recinto. Perante o estado do aluno, indaguei sobre o porquê daquele comportamento e ele me respondeu: “essa é a sala da bronca”. Com isso, achei melhor ir

para um outro ambiente, também reservado, o laboratório de Ciências. Este recinto foi ideal, pois além de ser restrito e não haver aulas nos dias e horários agendados para as entrevistas proporcionou meu encontro com os adolescentes num ambiente criativo, envolvente.

Mesmo sendo conhecido pelos adolescentes, iniciei o encontro estabelecendo um contato atencioso, através de uma conversa pausada, olhando nos olhos e mostrando-me receptivo a quaisquer questionamentos. Expliquei que a entrevista seria parte de minha pesquisa, fruto do Curso de Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG, do qual sou aluno. Em seguida esclarecia-lhes os termos legais da execução do trabalho envolvendo seres humanos, conforme Resolução 196, de 1996, do Ministério da Saúde do Brasil, ressaltando a garantia de anonimato e sigilo do conteúdo da entrevista e seu uso somente para fins científicos. Outro esclarecimento importante foi quanto ao uso do gravador. Expliquei que seu uso facilitaria tanto a transcrição quanto o andamento da entrevista, pois teria que ouvir o que me diziam e escrever logo em seguida, correndo assim o risco de modificar ou perder seu discurso. Juntos, líamos o TCLE e esclarecia questionamentos e ofertava-lhes outras informações que se fizessem necessárias. Confirmando o aceite através de suas assinaturas, iniciava as entrevistas.

Minha primeira experiência como entrevistador em pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica, foi desafiadora e emocionante. O desafio de suspender todos os pré-juízos, pressupostos e teorias referentes ao fenômeno, deixou-me um tanto ansioso e com receio de não conseguir manter a postura de pesquisador fenomenólogo. O ensejo de estar diante de algo completamente despido de concepções e valores, fascinava-me, emocionando-me a cada palavra dita por aqueles jovens adolescentes. Contudo, mantive uma sintonia serena e calma nesse encontro.

De acordo com a metodologia em questão, não é possível precisar inicialmente o número de entrevistados, pois o critério para o término da coleta de dados será quando os discursos se tornarem repetitivos, mostrando-me o desvelamento do fenômeno. Dessa forma, a coleta de dados encerrou-se quando percebi a reincidência das falas, o que ocorreu com a realização de nove entrevistas. As três primeiras entrevistas foram consideradas testes-piloto e por se mostrarem significativas foram incluídas na pesquisa.

Para a entrevista, utilizei a questão norteadora já mencionada anteriormente: “*Conta para mim, o que significa para você participar do grupo de adolescente aqui na escola?*”

Meu receio e minha ansiedade na primeira entrevista foram, paulatinamente, sendo transformados em calma e segurança nas entrevistas subsequentes, pois era a experiência do novo que me fazia ter aquelas sensações iniciais. Outro fator que eu presumia causar estranheza seria o uso do gravador, o que não ocorreu devido à explicação da finalidade de seu uso. As cadeiras dispostas lado a lado, sem a presença da mesa e o gravador ao lado do adolescente, possibilitaram ao mesmo tempo descontrair o ambiente e ao mesmo tempo observar o comportamento, os gestos e as expressões faciais dos entrevistados.

Neste trabalho vislumbrei cada adolescente buscando um caminho para a vida adulta, assim como um pássaro necessita voar para chegar a um lugar seguro. Assim, para respeitar o anonimato dos entrevistados, identifiquei-os com nomes de pássaros por concordar com Dom Helder Câmara quando mencionou: “Ótimo que tua mão ajude o vôo, mas que jamais se atreva a tomar o lugar das asas”.

Após cada entrevista, transcrevi seu conteúdo conferindo a gravação com a transcrição obtida. Vale salientar que todas as etapas do trabalho foram executadas por mim, na qualidade de pesquisador.



Terminado a etapa de coleta de dados, prossegui na linha metodológica do estudo, iniciando a análise compreensiva dos discursos obtidos.

### **3.6 – Compreendendo o fenômeno “ser participante do grupo realizado na escola” através da análise dos discursos**

Compreender o significado dado pelo adolescente por sua participação nos grupos operativos realizados na escola foi uma tarefa delicada e rigorosa, pois a abordagem fenomenológica exige que o pesquisador olhe as coisas como elas são, descrevendo o fenômeno e não explicando-o, sem se preocupar com suas relações causais. Outrossim, diz respeito à experiência vivida pelo sujeito e não a mera descoberta dos dados, pois estes nem existem a priori (FINI, 1994).

Para isso, utilizei-me dos passos da análise compreensiva proposta por Martins e Bicudo (1989), nos quais também fundamentei para a análise ideográfica. Esta análise utiliza o emprego de ideogramas ou representações de idéias por meio de signos e símbolos presentes nos discursos dos sujeitos, conhecida também como análise psicológica do individual. Ela permeia as relações ingênuas e irrefletidas dos sujeitos relatando, de forma mais precisa possível sua experiência vivida, possibilitando a inteligibilidade do fenômeno vivenciado por ele (MADEIRA, 1998; MARTINS e BICUDO, 1989).

Primeiramente realizei uma leitura global de todos os discursos, do começo ao fim de cada entrevista, de forma atenta e sem buscar interpretação ou identificação de quaisquer atributos ou elementos presentes em suas falas. Minha percepção estava no sentido do todo, que era expresso na linguagem verbal daqueles jovens. Assim, procurei compreendê-los a partir da descrição fenomenológica do que era para eles participar do grupo operativo realizado na escola.

Tendo alcançado o sentido ora descrito, li e reli inúmeras vezes, exaustivamente, as descrições dos adolescentes procurando apreender e identificar as unidades de significado. Para Martins e Bicudo (1989, p.99), unidades de significado “são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo de fenômeno pesquisado”.

Em seguida, selecionei as partes dos discursos que me pareceram mais reveladoras do fenômeno e descartei aquelas que não se apresentavam como características dele (redução fenomenológica): “ser adolescente participante do grupo operativo”. O ANEXO 5 mostra como foram extraídas as unidades de significado que foram grifadas nos discursos dos sujeitos.

Procurando descobrir e atribuir significados aos conteúdos das entrevistas dos adolescentes, utilizei-me de *insights* que para Martins e Bicudo (1989) são descobertas, uma criação acerca do fenômeno que se dá através de imersão na descrição do sujeito, indo o pesquisador ao seu encontro e estabelecendo a intersubjetividade.

Apresento a seguir a análise ideográfica do discurso de um sujeito participante do estudo, com as unidades de significado nele presentes e sua posterior transposição para uma linguagem mais articulada. Para fins de esclarecimento e organização, elaborei um diagrama em que do lado direito, assinalei as unidades de significado, segundo ordem de seu aparecimento no discurso e do lado esquerdo as respectivas unidades de significado, em uma linguagem mais articulada.

#### Primeira Entrevista - Andorinha

##### Observação do Pesquisador:

Adolescente de 12 anos de idade, gênero feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora do bairro Bom Jesus. Está há mais de 4 anos nesta escola e relata gostar de estudar nela. Quis participar do grupo pois queria tirar dúvidas sobre o crescimento e desenvolvimento do corpo na adolescência e estar com suas amigas

que também participam. Ela demonstrou ser dinâmica e curiosa, tanto pelo modo de falar quanto pelas várias gesticulações com as mãos. Manteve-se interessada durante toda a entrevista. Seus responsáveis legais mencionaram, ao assinar o TCLE, que a adolescente é responsável e ajuda muito nas tarefas domésticas.

Sua entrevista:

**Andorinha, conta para mim, o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

Ah... assim... eu acho até legal, entendeu !? É divertido assim.. é .... nós temos várias idéias legais também e, eu espero né que cada dia possa melhorar mais e mais nosso grupo de adolescentes aqui na escola.

**Fale um pouco mais pra mim sobre isso?**

Como assim?

**O que significa pra você participar do grupo aqui da escola?**

Ah... significa pra mim... ai... significa tudo de bom, né! Assim... a gente aprende muito com um, um com os outros, entendeu? Eu tento ensinar o que meus colegas não sabem e tento também aprender com eles o que eu não sei, entendeu?! Significa tudo de bom pra mim.

**O que é bom pra você?**

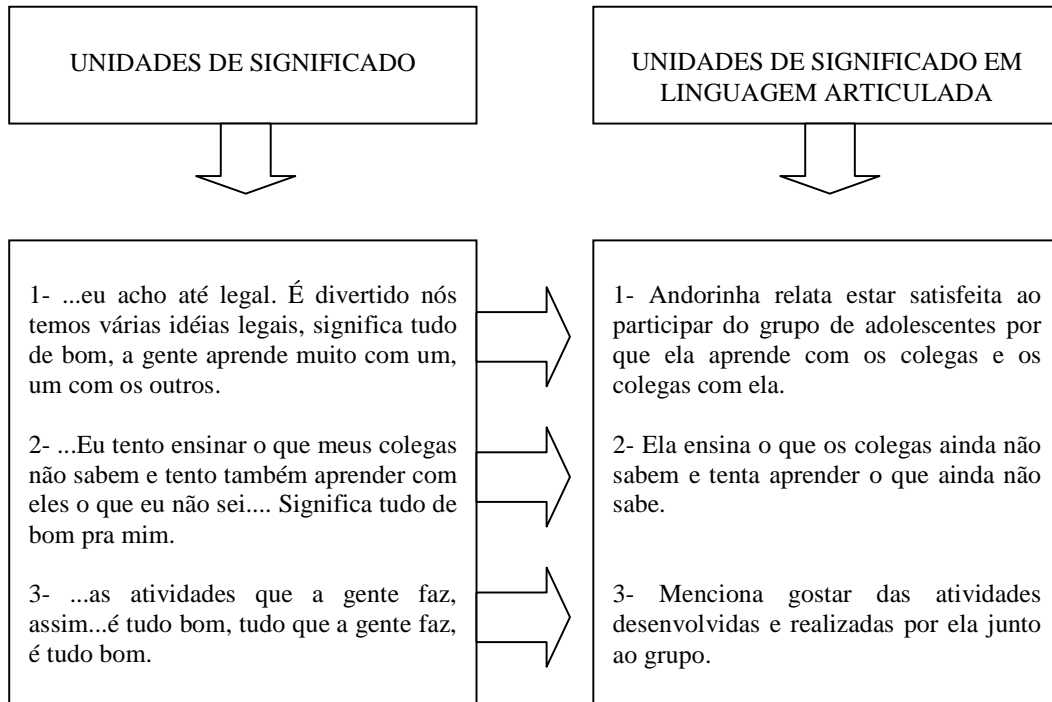
ah... é... bom pra mim de participar deste grupo? Assim... bom é ... as atividades que a gente faz, assim... ah, é tudo bom, tudo que a gente faz, é tudo bom.

**Você quer falar mais alguma coisa?**

Não.

**Muito obrigado.**

De nada.



Tendo realizado a análise individual das nove descrições e retirado as unidades de significado de cada uma delas, iniciei a análise nomotética, que busca compreender o sentido comum dos discursos transformando-o em categorias, destacando suas convergências e divergências (MARTINS e BICUDO, 1989).

Assim, por meio de novos *insights*, obtive 13 (treze) subcategorias ou unidades temáticas que caracterizam a estrutura geral do fenômeno:

- Aprender com os mais velhos
- Aprender o que não sabia com os outros
- Aprender o que tinha vergonha de perguntar alguém
- Ensinar o que os colegas não sabem
- Ensinar o que sabe ao outro
- Aprender com os acadêmicos de enfermagem
- Aprender sobre as modificações biológicas na adolescência esclarece dúvidas
- Aprender a conviver com a família e amigos através do que os outros falam
- Respeitar e ser respeitado
- Ser uma pessoa de bem
- Conhecer opções para melhorar as condições de vida no futuro
- Ficar longe das drogas
- Usar álcool, fumo e outras drogas faz mal à saúde e às pessoas com as quais convivemos

Continuando a olhar e interpretar atentamente as unidades temáticas, num movimento de idas e vindas característico da fenomenologia, pude realizar uma nova redução, confluindo assim

para 03 (três) categorias analíticas, que se constituíram na estrutura situada do fenômeno-essência (verdade):

### **1. APRENDENDO E ENSINANDO A SER-ADOLESCENTE-COM-OS-OUTROS**

- Aprender com os mais velhos
- Aprender o que não sabia com os outros
- Aprender o que tinha vergonha de perguntar alguém
- Ensinar o que os colegas não sabem
- Ensinar o que sabe ao outro
- Aprender com os acadêmicos de enfermagem
- Aprender sobre as modificações biológicas na adolescência esclarece dúvidas
- Aprender a conviver com a família e amigos através do que os outros falam

### **2. UM CAMINHO CERTO, RUMO À IDADE ADULTA**

- Respeitar e ser respeitado
- Ser uma pessoa de bem
- Conhecer opções para melhorar as condições de vida no futuro

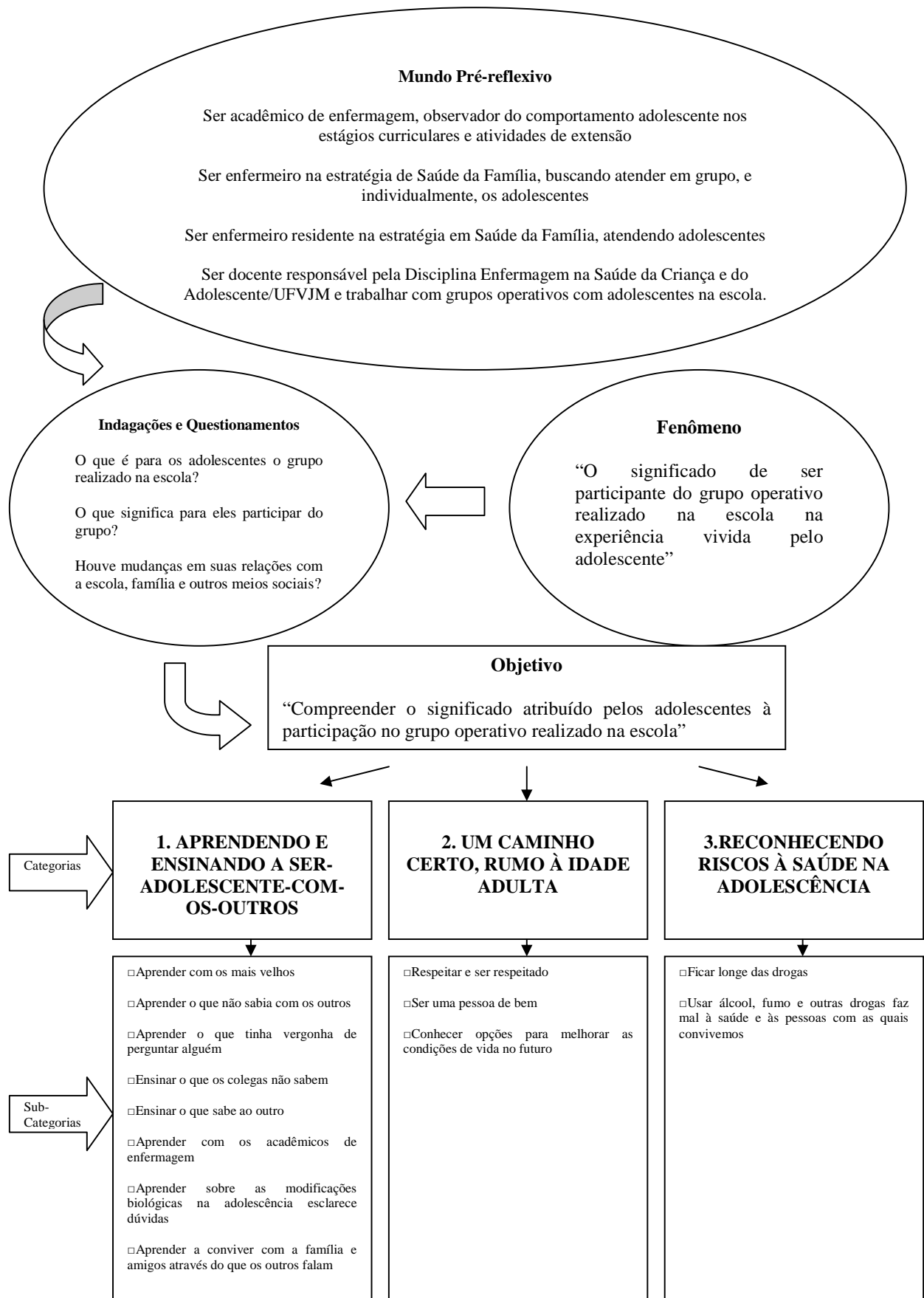
### **3. RECONHECENDO RISCOS À SAÚDE NA ADOLESCÊNCIA**

- Ficar longe das drogas
- Usar álcool, fumo e outras drogas faz mal à saúde e às pessoas com as quais

convivemos

Finalmente, elaboradas as categorias de análise, iniciei a compreensão/interpretação da estrutura/essência do fenômeno. Para tanto, nesse momento, apoderei-me novamente dos conhecimentos, teorias e pressupostos que havia deixado de lado, respaldando-me na literatura pertinente à temática, assim como em algumas concepções filosóficas de Heidegger. Com isso, busquei a coerência e fidedignidade do discurso desvelado e velado dos sujeitos sobre a percepção que têm da participação no grupo operativo de adolescentes na escola.

Contudo, antes desta análise compreensiva e interpretativa, apresento a seguir um esquema deste trabalho no sentido de facilitar o entendimento das etapas executadas até aqui.



**4- RESULTADOS**  
**(Artigo 2)**

---



Título: O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos jovens participantes

### Resumo

O presente estudo teve como proposta, conhecer a percepção dos adolescentes sobre suas participações em um grupo operativo realizado na Escola Estadual Professora Izabel Motta de Diamantina/MG. Foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, com abordagem fenomenológica para coleta e análise das informações. Os depoimentos dos adolescentes permitiram-me construir três grandes categorias, que desvelaram a essência dessa participação no grupo operativo: “Aprendendo e ensinando ser-adolescente-com-os-outros”, “Um caminho certo, rumo à idade adulta” e “Reconhecendo riscos à saúde na adolescência”. Compreender como os adolescentes percebem o grupo operativo possibilitou-me aproximar dos jovens, conhecê-los, descobrindo-os como um ser-no-mundo-com-os-outros, desvelando-me suas necessidades e valorizando suas vivências. O estudo permitiu-me perceber que as orientações adquiridas no presente podem contribuir para a implementação de ações futuras voltadas para os jovens e que, a sua abordagem, por meio de grupos operativos, pode ser um caminho para a construção de um futuro melhor.

### INTRODUÇÃO

A adolescência, rito de passagem da infância ao mundo adulto, ocupou em todo meu caminhar como enfermeiro, lugar de tamanho apreço e distinto interesse. A vivência com adolescentes iniciou-se quando era ainda acadêmico de enfermagem nos estágios curriculares e atividades de extensão, continuando depois, como profissional, no cotidiano dos serviços de atenção básica integrando Equipes de Saúde da Família-PSF, tanto no interior quanto na capital de Minas Gerais. Em seguida, na cidade de Diamantina/MG, enveredei pelo ofício da docência na Disciplina Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM. A partir daí, minhas experiências permitiram-me refletir sobre o importante papel que abracei, ter sob minha responsabilidade a formação de futuros enfermeiros numa área que sempre me despertou interesse, a saúde do adolescente.

As características biológicas, psicológicas e sociais dos adolescentes reportou-me para um ensino clínico nos campos de estágio da referida disciplina, para além dos serviços de saúde (hospitais, unidades básicas de saúde, centros de saúde). O atual perfil de morbi-mortalidade dos adolescentes, a necessidade de se conhecer e vislumbrar o adolescente no cenário escolar e a dificuldade de encontrarmos espaços nas instituições de saúde que tivessem abordagem específica para essa clientela foram os motivos pelos quais busquei a Escola Estadual Professora Izabel Motta como campo de prática. Nesta escola, através da estratégia de grupos operativos,

pude junto aos acadêmicos, implementar ações de educação em saúde a esse importante grupo etário, enfatizando a promoção da saúde e a prevenção de agravos.

As atividades em grupo foram realizadas pelos acadêmicos, sob minha supervisão, e aconteceram na própria escola onde todos os adolescentes foram convidados a participar, podendo optar ou não segundo sua vontade. Os grupos foram constituídos no máximo por 15 adolescentes e tinham duração de 50 a 60 minutos, ocorrendo semanalmente durante o período de realização do estágio. Os temas abordados incluíram: projeto de vida, auto-estima, sexualidade, afetividade, puberdade, doenças sexualmente transmissíveis/síndrome da imunodeficiência adquirida, e outros assuntos demandados pelos adolescentes. Utilizamos recursos pedagógicos participativos, por meio de exercícios de aquecimento, manutenção e integração grupal.

Aos poucos, com o desenrolar das atividades, o vínculo entre nós, professores, adolescentes e funcionários da escola, foi crescendo. O término do estágio foi se aproximando, gerando questionamentos necessários e importantes, centrados nos principais atores deste cenário, os adolescentes. Dessa experiência ficaram as seguintes questões: O que é para eles, o grupo de adolescentes na escola? O que significa para eles, participar deste grupo? Houve mudanças em suas relações com a escola, família e outros meios sociais, após participação nos grupos?

Com as intensas transformações dessa fase, surgem diversas peculiaridades como a necessidade de construção de uma nova identidade, o desempenho de novos papéis sociais, a mudança na relação de dependência da família para o grupo de pares, além da escolha de um projeto de vida e dúvidas sobre as transformações ocorridas neles próprios. Em decorrência de tais peculiaridades, que acarretam tantas mudanças de comportamento esperados na adolescência, percebe-se o quanto essa fase deve ser particularmente valorizada por caracterizar um período de maior vulnerabilidade dos adolescentes à exposição de riscos.<sup>(1)</sup>

Conforme Mandu<sup>(2)</sup>, dentre esses riscos que constituem os principais agravos à saúde do adolescente podemos citar: as diversas formas de violência; uso de álcool, fumo e outras drogas; gravidez na adolescência; aborto e as DST/AIDS.

Atualmente, a importância dada a essas questões da adolescência tem sido oficialmente reconhecida por diferentes e diversos segmentos da sociedade. No campo da saúde brasileira, destacamos o PROSAD – Programa Saúde do Adolescente, criado em 1989, pelo Ministério da Saúde com o objetivo de prestar assistência integral à saúde dos adolescentes, indivíduos entre 10

a 19 anos de idade, salientando tanto suas vulnerabilidades aos agravos de saúde quanto a pouca e/ou insuficiente atenção prestada pelos serviços de saúde a esse grupo populacional. Fundamenta-se numa política de promoção à saúde, reconhecendo grupos de risco, detectando precocemente os agravos e doenças, possibilitando assim tratamento adequado e reabilitação, observando as diretrizes do SUS, citadas na Constituição Brasileira.<sup>(3)</sup>

Apesar de inúmeros esforços e até mesmo com o advento do Programa Saúde da Família, em 1994, os serviços de saúde de atenção básica, responsáveis pelas ações de promoção da saúde e prevenção a agravos encontram inúmeras barreiras para assistir o adolescente, seja pela falta de espaço nas agendas de atendimentos, por serem ainda centradas na doença/agravo, ou pelas dificuldades para captar a clientela e até mesmo despreparo para lidar com ela.

O PROSAD destaca ações preventivas e educativas de forma integral, garantindo acesso aos serviços de saúde e atendimento por equipes multiprofissionais, propondo parcerias com diversos setores e organizações como escolas, movimentos populares, dentre outros.<sup>(4)</sup>

Nesse sentido, as ações intersetoriais seriam importantes aliadas nessa prática. Dentre os diversos setores, a educação, mais precisamente, as escolas onde estudam os adolescentes envolvidos seriam palcos interessantes para articulação com as equipes de saúde da família.

Pensar a escola como importante espaço viável para assistir o adolescente é um ponto estratégico. Ao captarmos melhor a clientela, otimizamos a assistência, podendo assim planejá-la segundo as necessidades dos sujeitos adolescentes e seus recursos disponíveis. Instrumentos que contemplem tais demandas são medidas eficazes para se melhorar o status de saúde do adolescente. Destaca-se entre tais instrumentos o atendimento em grupo.

Os trabalhos com grupos na atualidade, norteados por vários estudos, diversificaram-se em muitas vertentes. Dentre estas vertentes temos a do grupo operativo que teve como precursor Enrique Pichon-Revère.

Pichon-Rivière (1907-1977) foi um médico psiquiatra e psicanalista que nasceu na Suíça e viveu na Argentina desde os 4 anos de idade. Desenvolveu a teoria e técnica de grupos operativos a partir de uma atitude extremada colocando pacientes menos comprometidos em seu estado de saúde para cuidar dos mais comprometidos. Essa atitude ocorreu durante uma incidente greve do pessoal de enfermagem no Hospital De Las Mercês, em Rosário, onde era docente e clínico. Nessa situação observou que ambos os subgrupos de pacientes apresentaram significativa melhora de seus quadros clínicos. Os elementos referenciais do processo de evolução desses

pacientes foram possíveis através da ruptura de definições de papéis de quem cuida para quem é cuidado e do novo processo de comunicação estabelecidos entre eles. O resultado intrigante levou Pinchon-Rivière a estudar os fenômenos grupais a partir dos postulados da psicanálise, da teoria de campo de Kurt Lewin, que culminaram nas bases estruturantes do grupo operativo.<sup>(5)</sup>

De acordo com Pichon-Rivière, essas tarefas juntamente ao vínculo constituem os princípios organizadores do grupo operativo.

O vínculo é um mecanismo de interação, que ao mesmo tempo é bicorporal pela presença sensorial de dois corpos, e tripessoal pois além de duas pessoas existe uma terceira que vem do mundo interno e interfere nessa relação. Essa estrutura rege todas as relações humanas, por incluir fantasias inconscientes que são produtos de interação entre os vínculos. Configura-se uma estrutura complexa que rege incluindo um sistema transmissor-receptor, uma mensagem, um canal.<sup>(6)</sup>

Como tarefa, compreende-se o modo pelo qual cada integrante interage segundo suas próprias necessidades em torno de objetivos comuns, emergindo daí obstáculos de várias naturezas. A tarefa como trajetória que o grupo percorre para atingir suas metas, necessita de aprendizagem que para Pichon-Rivière é sinônimo de mudança.<sup>(5)</sup>

Caracterizando grupos operativos, Afonso<sup>(7)</sup> afirma que a mudança é exigida diante de uma problemática que é influenciada especialmente por fatos sociais, culturais e psíquicos, transformando não apenas a mente, como também as práticas e relações que os participantes desenvolvem em seu cotidiano.

Com relação à importância do grupo operativo para os adolescentes, Beirão et al.<sup>(8)</sup> explicam que a adolescência, como processo de desconstrução e reconstrução da identidade, traz consigo muitas tarefas que o jovem terá de cumprir no seu caminho rumo à conquista da personalidade adulta. As intensas transformações físicas, psíquicas e sociais desse momento tornam os adolescentes mais vulneráveis a diversas situações do seu dia-a-dia, que possam por em risco a sua integridade. Por outro lado, o desconhecimento do processo de adolescência e a falta de espaços aos quais possam recorrer, os tornam mais inseguros.

Para tanto, os mesmos autores ressaltam a importância de se criar espaços plurais onde os adolescentes possam se expressar de modo mais amplo, não só receber informações, mas também falar de si, discutir melhor as suas questões e expor seus sentimentos, ou seja, onde possam ser vistos na sua singularidade. Embora seja importante focalizar o sujeito, é junto a outros que os

jovens terão mais facilidade de expressão. Nos grupos de adolescentes, todos estão vivenciando o mesmo processo, têm dúvidas e conflitos muitos semelhantes, embora possam se apresentar distintos em alguns momentos, e podem compartilhar seus medos e anseios, suas alegrias e conquistas.

Perante o exposto e aos meus questionamentos anteriores, aprofundar neste campo de assistência ao adolescente, através da compreensão do que é vivenciado pelos participantes do grupo, só poderia ser possível a partir da óptica dos sujeitos que viveram essa experiência concreta em seu mundo-vida.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo conhecer a percepção dos adolescentes sobre suas participações em um grupo operativo.

## TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Para compreender o que significa o grupo de adolescentes realizado na escola para aqueles participantes, percebi através dos meus sentidos, principalmente ao ouvi-los, que minha inquietação estava diante de um emaranhado de questões subjetivas. A subjetividade ganhava força a cada reunião, facilmente observada pelo singular discurso e opinião de cada integrante naquele espaço plural. Quando aguçava ainda mais meus sentidos, seja pela visão, pelo tato e ou olfato, eu conseguia identificar diferentes expressões faciais, mãos tanto gélidas quanto afáveis pelo cumprimentar, perfumes e odores bem distintos, denotando assim tamanha diversidade subjetiva do grupo, exclusivamente, composto por adolescentes.

A partir dessas percepções, entendi que meu objetivo não era a busca de explicações causais desses comportamentos, nem mesmo a quantificação do número de adolescentes satisfeitos e insatisfeitos, amedrontados e participativos.

Nesta circunstância, a pesquisa qualitativa foi eleita método de estudo por valorizar as questões subjetivas na intenção de compreendê-las e não simplesmente explicá-las, e concebida como modalidade, a abordagem fenomenológica, por buscar compreender a essência da experiência dos sujeitos. Assim, a metodologia escolhida seria adequada ao que me propus a pesquisar: a vivência genuína e singular de cada adolescente participante do grupo operativo.

Para Capalbo<sup>(9)</sup>, a fenomenologia é uma filosofia que “mostra, explicita, aclara, desvela as estruturas cotidianas do mundo-vida onde a experiência se verifica, deixando transparecer na descrição desta experiência vivida as suas estruturas universais”.

O estudo contou com a participação de nove adolescentes participantes do grupo operativo realizado na Escola Estadual Professora Izabel Mota, localizada no bairro Bom Jesus em Diamantina/MG. Todos eram solteiros e residentes nessa mesma localidade, estudantes matriculados na quinta série do ensino fundamental, sendo seis do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades entre dez e quinze anos.

O projeto de pesquisa foi executado após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e pela direção da escola. Antes da coleta de dados os adolescentes e seus responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, obedecendo as normas de pesquisas envolvendo seres humanos – Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.<sup>(10)</sup>

Neste trabalho, compreendi cada adolescente buscando um caminho para a vida adulta como um pássaro necessitando voar para chegar a um lugar seguro. Dessa forma para respeitar o anonimato dos entrevistados, identifiquei-os com nomes de pássaros por concordar com Dom Helder Câmara quando mencionou: “Ótimo que tua mão ajude o vôo, mas que jamais se atreva a tomar o lugar das asas”.

Os dados foram colhidos mediante entrevista aberta utilizando a questão norteadora: *“Conta para mim, o que significa para você participar do grupo de adolescente aqui na escola?”*

Após cada entrevista, transcrevi seu conteúdo conferindo a gravação com a transcrição obtida. Observei também o comportamento, os gestos, as expressões faciais, os momentos de silêncio e entonações de voz, assim como outras formas de comunicação não-verbal que poderiam auxiliar-me na elucidação do fenômeno.

De acordo com a metodologia em questão, não é possível precisar inicialmente o número de entrevistados, pois o critério para o término da coleta de dados será quando os discursos se tornarem repetitivos, mostrando-me o desvelamento do fenômeno. Assim, a coleta de dados encerrou-se quando percebi a reincidência das falas, o que ocorreu com a realização de nove entrevistas.

Buscando compreender os significados contidos nos discursos dos adolescentes, respaldei-me nos três momentos da análise compreensiva sugerida por Martins e Bicudo<sup>(11)</sup> - descrição, redução e compreensão fenomenológica. A trajetória por esses momentos permitiu-me construir três grandes categorias analíticas, que configuraram a essência da experiência dos adolescentes no grupo operativo: Aprendendo e ensinando ser-adolescente-com-os-outros; Um caminho certo rumo à idade adulta e Reconhecendo riscos à saúde na adolescência.

## A CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

### Categoria I – Aprendendo e ensinando ser-adolescente-com-os-outros

Os discursos que permitiram construir essa categoria, mostram que, para os adolescentes, o grupo operativo configura-se como um espaço tanto para aprender com os colegas, como também para ensinar aos mesmos “ser adolescente”. As mudanças biopsicossociais da adolescência geram nos jovens dúvidas e questionamentos que necessitam ser esclarecidos através da aquisição de outros conhecimentos, assim como das explicações sobre os mitos e tabus dessa fase. Para os participantes, o grupo de adolescentes é um momento de satisfação ao aprender o que não se sabe e ensinar o que já se sabe sobre a adolescência em conjunto. Dessa forma, extrapolam o próprio “Eu” para juntamente aos colegas transformarem-se em “Nós”, “a gente”; a partir da vivência grupal são pré-senças através do ensinar e do aprender durante as atividades propostas:

*“... eu acho até legal. É divertido, nós temos várias idéias legais, significa tudo de bom. A gente aprende muito com um, um com os outros. Eu tento ensinar o que meus colegas não sabem e tento também aprender com eles o que eu não sei. Significa tudo de bom pra mim”* (Andorinha).

*“... um ensina o outro e aprende com o outro também...”* (Gaivota).

*“Ah, importante por que a gente aprende o que a gente não sabe, ah muito legal, né?”* (Rouxinol).

Dessa forma, aprendendo e ensinando com os outros, os participantes se fazem presentes pelo encontro. Para Heidegger<sup>(12)</sup>, esse encontro com o outro, é adquirido com a pré-sença. Pré-

sença aqui, considerada espacialidade, permitindo que o ser humano possa sentir-se distante ou próximo de outros ou das coisas, denotado assim pela sua maneira de ser, o que possibilita para cada um a construção de seu próprio espaço.

Estar com outros que vivenciam o mesmo processo de adolecer, em que alegrias, angústias, conquistas e conflitos são experienciados por todos, faz surgir um senso de “pertencer” que fortalece a confiança nas relações entre os participantes. Essa convivência promove segurança, oportunizando esclarecer dúvidas geradas pela vergonha de se perguntar a outros sobre algo íntimo.

*“A gente aprende muita coisa que a gente gostaria de aprender, queria aprender, mas... tinha vergonha de perguntar alguém”* (Rouxinol).

Dentre as situações que demandam do adolescente um novo aprendizado, temos a convivência com outras pessoas como família, amigos e professores, como uma das principais tarefas que o adolescente deverá cumprir nessa fase. Este relacionar-se com os outros torna-se tarefa complexa, pois o processo de luto vivenciado na adolescência - perda do corpo infantil, perda dos pais da infância e perda da identidade e papel infantil - gera em si um repensar tanto do seu próprio papel, quanto do papel dos outros em sua vida.<sup>(13)</sup>

Assim, as discussões em grupo a respeito do seu próprio desenvolvimento, dinâmica familiar e relações afetivas com colegas e professores, possibilitam aos adolescentes aprender a lidar com as dificuldades na convivência com os outros:

*“Aprendi a conviver melhor com os pais. É, melhor, sem briga né, com os irmãos, com os amigos”* (Gaivota).

*“Aprender conviver com as pessoas, os colegas. Dar exemplos aos colegas, conviver com os professores, todo mundo da escola”* (Cotovia).

Os discursos revelam que a forma, o caminho, o método utilizado nos grupos para se discutir questões da adolescência são importantes para facilitar o aprendizado dos participantes. A metodologia participativa utilizada nos grupos operativos, permite, segundo Lopes et al.<sup>(14)</sup>, a atuação efetiva dos participantes no processo educativo sem considerá-los meros receptores. Valorizam-se os conhecimentos e experiências dos integrantes, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas cotidianas. Tanto a condição de que os adolescentes e os acadêmicos coordenadores do grupo são aprendizes, quanto



o uso de dinâmicas grupais e de teatro fazem com que os assuntos se tornem mais interessantes e prazerosos em uma esfera de aprendizado mútuo:

*“...eles (acadêmicos) ensinam muita coisa a gente, a gente aprende muita coisa, também aprendem eles. Ensina a gente o caminho sempre certo que nem aquela vez no teatro lá quê que aconteceu lá, com aquela menina. Aquele teatro sobre a menina que tinha amiga dela oferecendo ela drogas. Ela foi, usou e aí ficou gostando...”* (Bem-te-vi).

*“... dá mais força, aulinha e tudo. Faz umas brincadeirinha importantes pra ajudar a gente na adolescência, da família em casa, da mãe não deixar sair a noite, da roupa que a gente veste...pra estudar! Muita coisa, achei muito legal“* (Arara).

#### Categoria II – Um caminho certo, rumo à idade adulta

A vivência da dúvida, da desilusão e da solidão experimentadas na adolescência em decorrência das intensas transformações dessa fase, pode tornar o adolescente sem direção nesta travessia da infância para o mundo adulto.

Assim, na compreensão dos jovens participantes, o grupo é considerado um fator de proteção de sua integridade física e moral por trazer à baila assuntos que possam desviá-los de um caminho que consideram ser “bom” para suas vidas. Acreditam que conhecendo o processo de adolecer e suas vulnerabilidades, terão outras possibilidades diferentes das que identificam como um caminho “ruim”, no envolver-se futuramente com a violência, marginalidade, o uso de álcool e outras drogas:

*“Eu acho muito bom por causa que ensina muitas coisas. Ensina ficar longe das drogas, da violência, a pessoa ser mais calma e ser mais ..... mais respeitada, respeitar as pessoas, ser de “bom”(bem). Faz a pessoa ficar longe dos bares, bebendo, faz arrumar algum trabalho bom e a pessoa não fica roubando nem matando”* (Sabiá).

Ser participante do grupo com outros adolescentes oportuniza um comportamento diferente do que é vivenciado fora dele, constituindo uma outra opção de escolha. A escolha do adolescente ao assumir os comportamentos que coloquem sua própria vida em risco está pautada no “currículo oculto” que ele traz consigo. Saito<sup>(15)</sup> explica essa denominação como algo apreendido em termos de valores familiares, mesmo antes de seu nascimento até a adolescência.

Dessa forma, os adolescentes tendem a se vincular a amigos e ao grupo de pares que espelham seus próprios valores e semelhanças, sendo que a família tem uma influência sobre esta escolha de um modo mais expressivo do que se pensava. Uma relação muito conflituosa com as figuras parentais tende a levar os adolescentes a se orientarem predominantemente pelo grupo. Se o grupo molda inúmeros comportamentos, assim como atitudes e linguagem transitórias, os pais acabam tendo maior ascendência em questões de ordem moral ou nas escolhas a longo prazo<sup>(16)</sup>. No mundo-vida do adolescente participante do grupo, o caminho “ruim” é distinguível e a escola é vista como uma ocupação que também conduz ao “bom” caminho:

*“... tem vez que tem uns avacalhando os grupos oferecendo a gente as coisas, cigarro, chamando agente pra sair assim. Têm uns amigos assim que chama a gente pra sair, assim pra beber! Tipo assim aqui na sala (escola) tem o grupo da gente. A gente não faz nada não... só os amigos mesmo”* (Bem-te-vi).

Para os adolescentes o grupo possibilita uma projeção do futuro a partir do presente, onde o “querer ser” torna-se exequível pelo “como ser”. Segundo Moura<sup>(17)</sup>, nós criamos nosso futuro em grande parte, baseados nas nossas ações as quais dependem da percepção que temos ou deixamos de ter da realidade presente e das decisões e ações através das quais respondemos às nossas percepções. Nesse contexto, as discussões em grupo sobre a prevenção do uso de álcool e drogas, uso de métodos contraceptivos, prevenção das DST/AIDS, dentre outros, trouxeram aos adolescentes a responsabilidade para construir seus projetos de vida. Nestes projetos futuros, a escolha profissional também é dependente de um passado que um dia foi presente:

*“Significa que eu estou mudando a minha vida quando eu crescer... eu posso ser médico, dentista, alguma profissão boa... Ah, muita coisa! Ele (o grupo) vem pra mostrar a gente um bom caminho!”* (Sabiá).

Nessa busca por um caminho rumo a vida adulta, no relacionar-se com os outros integrantes do grupo é que se constrói a relação ser-com-o-outro. No grupo, esse modo de ouvir e falar atento e pacientemente, de maneira envolvente e significativa, é, segundo Heidegger<sup>(12)</sup>, denominado de solitudine. Portanto, para esse autor existem duas formas de solitudine. Uma possibilidade é a de configurar-se sobre o outro, dominando-o, transferindo/retirando dele o cuidado próprio e subtraindo-lhe o seu posto nas ocupações que deveria ser responsável. A segunda possibilita ao outro fazer e construir os seus próprios caminhos, crescer, avançar e amadurecer, encontrar-se consigo mesmo.

O grupo de adolescentes realizado na escola tem como prerrogativa esta última, o cuidar autêntico, através do qual acreditamos que o sujeito embuído de informações sobre a adolescência e suas nuances torna-se ainda mais capaz de trilhar seus próprios caminhos com segurança e saúde.

### Categoria III – Reconhecendo riscos à saúde na adolescência

Os adolescentes participantes do grupo operativo discorrem sobre a importância das atividades desenvolvidas para abordarem os riscos à saúde na adolescência. Eles reconhecem que dentre esses riscos, o uso do fumo, álcool e outras drogas, traz conseqüências negativas não somente sobre a sua saúde como também sobre sua família.

*“Muito bom, a gente aprende mais! Aprende não mexer com drogas, não ficar assim com um grupinho assim que mexe com esses trem... para gente afastar...”* (Tesourinha).

*“Pra gente saber o que a gente deve fazer e o que a gente não deve. Coisas certas: não fumar... não beber... ah um tanto de coisa... se fumar vai estar prejudicando a saúde e a si mesmo, se beber pode causar várias brigas em casa... igual meu tio mesmo, ele era muito agressivo, mas agora ele está pro A.A. (Alcoólicos Anônimos)”* (Rolinha).

Os adolescentes compreendem que apesar de possuírem características, comportamentos e atitudes semelhantes às de seus pares, não necessariamente precisam seguir os hábitos prejudiciais à saúde, conferindo assim autonomia sobre seus atos:

*“Participar do grupo é ser adolescentes com os outros amigos da gente! Fazer quase sempre as mesmas coisas que eles fazem mas não seguir as coisas ruins que eles fazem. Os meninos que bebem assim chama a gente pra beber assim a gente não vai, a gente fica na nossa e fala com eles, pra eles irem, que a gente não vai, que a gente não pode ir por que depois vicia aí fica aí sem solução, num dá certo!”* (Bem-te-vi).

Outro risco à saúde discutido nas atividades grupais e relatado pelos adolescentes é o de se contrair uma DST/AIDS. Conforme Takiuti<sup>(18)</sup>, a desinformação e a falta de suportes psicológico e social têm acarretado a atividade sexual dos adolescentes cada vez mais cedo, tornando-os assim mais expostos a riscos de saúde. Além disso, a influência dos pares faz com que os adolescentes adotem comportamentos sem estarem preparados, como é o caso do uso indevido de drogas. Os jovens participantes sentem-se satisfeitos e seguros por estarem

aprendendo com os acadêmicos, que detêm um certo grau de conhecimento do tema, e também lisonjeados, por perceberem que alguém de um nível de escolaridade maior preocupa-se com eles:

*“Ah... pra mim participar é um prazer por causa que eles vem lá de longe pra ensinar a gente essas coisas assim... ensina sobre as doenças que podem ser causadas, igual a AIDS”* (Sabiá).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta investigação nos foi possível constatar a relevância do grupo operativo para o jovem participante: espaço de aprender e ensinar questões da adolescência com outros coetâneos e também com outros mais velhos, procurando um “bom” caminho que leve a uma vida melhor e mais saudável no futuro.

Compreender como o adolescente percebe o grupo operativo possibilitou-me aprofundar em um campo de assistência que valoriza as vivências dos participantes. A troca de experiências entre os integrantes no grupo faz com que se percebam ora como iguais, duvidosos e incapazes ora como diferentes, sábios e capazes. Essa ambivalência aumenta o senso de pertencimento ao grupo e a necessidade de atentar-se ainda mais para o cuidado com a própria vida. Dessa forma, o grupo ganha certa referência de orientação no caminho para a idade adulta, o que é pessoal e intransferível.

Outrossim, diz respeito à metodologia participativa utilizada nas reuniões. Os adolescentes percebem que esse método facilita o aprendizado de forma interessante e criativa, pois podem posicionar-se, ouvir e falar do seu intra-mundo juvenil.

O desocultamento do fenômeno indica uma revisão indispensável quanto ao sentido das atividades educativas destinadas aos adolescentes. Muito mais que apenas informar, essas atividades precisam ser construídas, elaboradas com a participação ativa daqueles a quem se destina: os adolescentes. Assim, é na concretude da experiência que os jovens poderão vislumbrar manutenção e aquisição de hábitos que os preservem, bem como possíveis mudanças de atitudes e comportamentos que coloquem em risco seu projeto de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1-Amado CR, LEAL, MM. Anticoncepção de emergência na adolescência. Rev Pediatría Moderna, vol. XXXVII, maio 2001. p. 7-9. Edição Especial, *apud* Domingos, SRF. A consulta ginecológica sob a ótica de adolescentes: uma análise compreensiva [dissertação]. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG; 2003.
- 2- Mandu ENT. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: Associação Brasileira de Enfermagem - Projeto Acolher. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: ABEn; 2001. p. 61-76.
- 3- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº. 980. Gabinete do Ministro. Brasília, 1989.
- 4- Brasil. Ministério da Saúde. Saúde do Adolescente. Brasília; 2006. [Citado em: 15 setembro 2006] Disponível em: <http://www.saude.gov.br>.
- 5- Abduch C. Grupos operativos com adolescentes. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde; 1999. p 289-300.
- 6- Pichon-Rivière E. Técnica de Grupos Operativos. In: Pichon-Rivière E. *Processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 87-98.
- 7- Afonso L et al. *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.
- 8- Beirão MMV et al. Adolescência. In: Alves CRL, Viana MRA. *Saúde da família: cuidando de crianças e adolescentes*. Belo Horizonte: COOPMED, 2003. 109-133p.
- 9- Capalbo C. A fenomenologia a partir de Edmund Husserl e sua repercussão na área da saúde. *Rev Enf. UERJ* 1988; 6 (2): 415-419.

- 10- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº196 de 1996.
- 11- Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia - Fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes; 1989.
- 12- Heidegger M. Ser e tempo. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- 13- Knobel M. A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992. p. 24-59.
- 14- Lopes EB et al. Metodologias participativas. In: Associação Brasileira de Enfermagem – Projeto Acolher. Adolescer: compreender, atuar, acolher. Brasília: ABEN; 2001. p.144-153.
- 15- Saito MI. Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco. A prevenção em questão. In: Saito MI, SILVA LEV. Adolescência: prevenção e risco. São Paulo: Atheneu. 2001.33-38p.
- 16- Chipkevitch E. Adolescência e puberdade: a dimensão psicossocial. In: Puberdade e adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais. São Paulo: Roca. 1994. p. 111-161.
- 17- Moura PC. Construindo o futuro. O impacto global do novo paradigma. Pessoas, empresas e sociedades. 2ed. Rio de Janeiro: Mauad,.227p. 2002.
- 18- Takiuti AD. Programa de Atendimento Integral à Saúde do Adolescente: uma proposta de trabalho. In: Maakaroun MF, Souza RP, Cruz AR. Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1991. p.31-47.

**5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

## 5- Considerações Finais

Após a aproximação com o mundo-vida dos sujeitos do estudo, sinto-me capaz de tecer reflexões a partir desta investigação que buscou compreender o fenômeno: “o significado de participar do grupo operativo de adolescentes realizado na escola”.

No contexto das reflexões que faço a seguir, vale destacar que, na pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica, o desocultamento de um fenômeno se mostra na perspectiva de quem o questiona. Dessa forma, novos desocultamentos poderão ser alcançados a partir da visão de outros pesquisadores envolvendo a participação do adolescente em grupos operativos.

O discurso dos adolescentes possibilitou-me a compreensão e interpretação do fenômeno, de acordo com a concepção da realidade em que me situo, e baseando-me na fenomenologia e no referencial teórico da temática, encontrei o respaldo para tanto.

A partir da fala dos adolescentes, percebi que participar do grupo operativo realizado na escola é uma forma de aprender e ensinar questões da adolescência. Aprender o que não se sabe está ligado à experiência do outro, tanto dos mais velhos - assim designados por eles os acadêmicos de enfermagem que coordenavam os grupos - quanto de outros colegas que detinham conhecimento sobre determinado assunto abordado.

O grupo também é para eles um meio de se esclarecer dúvidas sobre algo íntimo, como a puberdade, o que outrora não era questionado por vergonha.

Nesse processo, o adolescente também se acha capaz de ensinar, pois tem conhecimento ou experiência de algo envolvendo as temáticas discutidas no grupo.

Os adolescentes consideram o grupo importante, por que aprenderam através dele, a lidar com as outras pessoas como membros da família, professores e colegas, num momento em que suas relações interpessoais são quase sempre conflituosas.

Outro ponto mencionado pelos adolescentes diz respeito à forma de se discutir os assuntos, através de dinâmicas e teatros; o que para eles é criativo e envolvente.

O aprender e ensinar em grupo são, nitidamente, baseados pela vivência e experiência de cada participante em seu mundo-vida. Apesar de suas especificidades, o processo de adolescer traz consigo muitas familiaridades, o que torna os jovens parecidos em suas dúvidas, sentimentos e conflitos. Vivenciar esses mesmos sentimentos cria um senso de pertencimento que fortalece a confiança nas relações entre os participantes. Essa convivência promove segurança,



oportunizando esclarecer dúvidas, ensinar o que sabe e aprender o que não sabe. Esse ensinar e aprender quando realizado com dinâmicas e teatros, favorece o processo no sentido de torná-lo mais prazeroso e interessante, pois podem posicionar-se, ouvir e falar do seu intra-mundo juvenil.

Os achados desta investigação permitiram-me compreender que o grupo operativo é interessante, prazeroso e envolvente por valorizar as experiências e vivências dos participantes, assim como o uso de metodologias participativas, como as dinâmicas e o teatro.

Penso na necessidade de se valorizar o vivido dos jovens para que possam aprender em sua situacionalidade, partindo da concretude de suas experiências. Assim, o aprender será mais que informar, aproximando-se do fazer, do assumir, do mudar no mundo-vida adolescente.

Outro ponto que merece destaque é o suporte encontrado no grupo. As atividades educativas, na visão dos adolescentes, auxiliam na busca por um caminho rumo ao futuro adulto evidenciando o respeito, a dignidade e o trabalho como parte desta travessia.

Os adolescentes querem e buscam um futuro "bom" e enxergam a adolescência como momento importante para alcançarem suas metas. O "amanhã" depende do "hoje" se respeito e sou respeitado, se estudo e se tenho caráter, posso conseguir ser um adulto melhor.

Dessa forma, atividades educativas junto aos adolescentes devem contemplar desde relacionamento interpessoal até escolhas profissionais, pois estas são demandas dos participantes.

Através de seus relatos, também foi possível identificar que os adolescentes consideram importante discutir sobre o uso de fumo, álcool e outras drogas, as DST/AIDS, pois reconhecem esses riscos como possíveis nessa etapa da vida. Esse reconhecimento é importante, porque apesar de possuírem características, comportamentos e atitudes semelhantes às de seus pares, não necessariamente precisam seguir os hábitos prejudiciais à saúde, conferindo assim autonomia sobre seus atos.

Portanto, a autonomia adquirida através das orientações substitui a falsa e velha impressão de que os jovens não são capazes de tomar decisões responsáveis.

Acredito, que para que ocorra a plena eficiência e eficácia do PROSAD no que tange à promoção de saúde e prevenção de agravos, além de um sistema competente, organizado e hierarquizado, é necessário considerar também tanto o que demanda nossos adolescentes, quanto o preparo dos profissionais de saúde atuantes junto a eles, considerando-os como sujeitos e protagonistas de suas vidas.

Realizar este trabalho, de modo minucioso e gradativo, almejando encontrar a essência da experiência dos participantes do grupo levou-me a um crescimento humano e profissional, principalmente, por não me centrar somente na adolescência, mas sim no sujeito que a vivencia, a seu modo.

Compreender como o adolescente percebe o grupo operativo possibilitou-me aprofundar em um campo de assistência que valoriza as vivências dos participantes. A troca de experiências entre os integrantes no grupo faz com que se percebam ora como iguais, duvidosos e incapazes ora como diferentes, sábios e capazes. Essa ambivalência aumenta o senso de pertencimento ao grupo e a necessidade de atentar-se ainda mais para o cuidado com a própria vida. Dessa forma, o grupo ganha certa referência de orientação no caminho para a idade adulta, o que é pessoal e intransferível.

O desocultamento do fenômeno indica uma revisão indispensável quanto ao sentido das atividades educativas destinadas aos adolescentes. Muito mais que apenas informar, essas atividades precisam ser construídas, elaboradas com a participação efetiva daqueles a quem se destina: os adolescentes. Assim, é na concretude da experiência, que os jovens poderão vislumbrar manutenção e aquisição de hábitos que os preservem, assim como possíveis mudanças de atitudes e comportamentos que coloquem em risco seu projeto de vida.

**6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

## 6- Referências Bibliográficas

BICUDO, M. A.V.; ESPÓSITO, V.H.C. *Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: UNIMEP, 1994. p. 15-22.

BIFFI, E. F. A. *O fenômeno menopausa: uma perspectiva de compreensão*. Ribeirão Preto, 1991. 120p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1991.

BOEMER, M. R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Rev. Latinoam. Enfermagem*, v. 2, n. 1, p. 83-94, jan. 1994.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº196/96 sobre Pesquisa envolvendo seres humanos. Decreto nº93.393 de 14 de jan. 1987. In: *Bioética*, n.4, p.15-25, 1996.

CAPALBO, C. *Fenomenologia e ciências humanas*. 3. ed. Londrina: UEL, 1996.

CAPALBO, C. A fenomenologia a partir de Edmund Husserl e sua repercussão na área da saúde. *Rev. Enf. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.415-419, dez. 1998.

CASASANTA, L. O adolescente no cenário atual. In: *Afetividade e sexualidade na educação. Um novo olhar*. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Fundação Odebrecht. 1998. 40-53p.

COLLIÈRE, M.F. Elementos que participam na construção do processo de cuidados de enfermagem. In: COLLIÈRE, M.F. *Promover a vida*. Lisboa: LIDEL, 1999. p. 243-283.

DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1992. 174p.

DATASUS – *Departamento de Informação e Informática do SUS*. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>> Acesso em: 20 maio 2005.

FINI, M.I. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M. A.V.; ESPÓSITO, V.H.C. *Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: UNIMEP, 1994. p. 23-33.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. 10ª ed. Porto Alegre, artes médicas. 1992. 24-59p.

MADEIRA, A. M. F. *Crescer com o filho: a singularidade do adolescer mãe*. São Paulo, 1998. 197p. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia – Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989. 110p.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ, C. A. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, v. 24, n. 1, p.139-147, abr. 1990.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Decreto nº. 6525 de 24/03/1962.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Decreto nº. 7217 de 10/10/1963.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 4. Ed. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1996 *apud* OLIVEIRA, Z. M. L. *Vivenciando o parto humanizado: um estudo compreensivo fenomenológico sob a ótica de adolescentes*. 2001. 146f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

RIBEIRO, C. *O significado de ser mãe de um filho cardiopata*. 2004. 147f. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

SPANOUDIS, S. Apresentação: a todos que procuram o próprio caminho. In: HEIDEGGER, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981. p. 9-22.

SPÍNDOLA, T. A fenomenologia e a enfermagem: algumas reflexões. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, v. 31, n. 3, p.403-409, dez. 1997.



**Anexo 1****ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA IZABEL MOTA****AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o Professor Alisson Araújo, aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, a realizar a pesquisa, colher dados e citar o nome da Escola Estadual Professora Izabel Mota, em sua Dissertação de Mestrado cujo título, ainda provisório, é “O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos adolescentes participantes”.

Diamantina, 26 de outubro de 2005.

**Argemiro Maria Godinho**  
**Diretor da Escola Estadual Professora Izabel Mota**



**Anexo 2**  
**COEP UFMG**

### Anexo 3

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) ADOLESCENTE

### **TÍTULO DA PESQUISA: O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos adolescentes participantes**

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos adolescentes participantes”, que tem por objetivo compreender o significado atribuído pelos jovens à sua participação no grupo de adolescentes realizado na Escola Estadual Professora Izabel Mota.

A pesquisa é realizada por mim, Alisson Araújo, enfermeiro professor do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente, nível de Mestrado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

A participação de seu(sua) filho(a) é voluntária e consiste em responder, uma entrevista que será gravada.

A participação no estudo não se reverterá em benefícios pessoais, mas contribuirá para um melhor conhecimento e melhoria das atividades do grupo de adolescentes.

Afirmo que aos adolescentes participantes da pesquisa fica reservado o direito de interromper sua contribuição no trabalho, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para eles (as).

### CONSENTIMENTO:

Com base no exposto acima, dou meu consentimento para que meu(a) filho(a), ou pessoa a quem sou responsável, participe voluntariamente desta pesquisa.

Nome do(a) responsável pelo(a) adolescente : \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pesquisador: Alisson Araújo

Endereço: Rua Vereador João Bento de Souza, nº 131B – Bairro Sagrado Coração.  
Diamantina/MG – CEP 39100-000. Tel: 0XX38-3531-6333

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – 0XX31-3248-9364

## Anexo 4

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO(A) ADOLESCENTE

#### **TÍTULO DA PESQUISA: O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos adolescentes participantes**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos adolescentes participantes”, que tem por objetivo compreender o significado atribuído pelos jovens à sua participação no grupo de adolescentes realizado na Escola Estadual Professora Izabel Mota.

A pesquisa é realizada por mim, Alisson Araújo, enfermeiro professor do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente, nível de Mestrado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sua colaboração é voluntária e consiste em responder uma entrevista que será gravada.

Ressalto que serão garantidos a você o anonimato, sigilo das informações e privacidade, além da utilização dos resultados da pesquisa, exclusivamente para fins científicos, visando a melhoria das atividades do grupo de adolescentes.

Sua colaboração é importante e necessária para o andamento da pesquisa, mas é livre sua participação.

Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como, sair da mesma e não permitir a utilização de seus dados, sem que haja nenhum prejuízo para você, não comprometendo, portanto, a continuidade de sua participação no grupo.

#### **CONSENTIMENTO:**

Eu, como entrevistado(a), afirmo que fui devidamente orientado sobre o objetivo e a finalidade da pesquisa, bem como, da utilização dos dados exclusivamente para fins científicos e sua divulgação posterior, sendo que meu nome será mantido em sigilo.

Nome do Entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pesquisador: Alisson Araújo

Endereço: Rua Vereador João Bento de Souza, nº 131B – Bairro Sagrado Coração.  
Diamantina/MG – CEP 39100-000. Tel: 0XX38-3531-6333

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – 0XX31-3248-9364

**Anexo 5**

**Entrevistas/Observações dos Adolescentes**

## Primeira Entrevista - Andorinha

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 12 anos de idade, sexo feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora do bairro Bom Jesus. Está mais de 4 anos nesta escola e relata gostar de estudar nela. Quis participar do grupo pois queria tirar dúvidas sobre o crescimento e desenvolvimento do corpo na adolescência e estar com suas amigas que também participam. Ela demonstrou ser dinâmica e curiosa tanto pelo modo de falar quanto pelas várias gesticulações com as mãos. Manteve-se interessada durante toda entrevista. Seus responsáveis legais mencionaram, ao assinar o TCLE, que a adolescente é responsável e ajuda muito nas tarefas domésticas.

Sua entrevista:

**Andorinha, conta para mim, o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

Ah... assim... eu acho até legal, entendeu !? É divertido assim.. é .... nós temos várias idéias legais também e, eu espero né que cada dia possa melhorar mais e mais nosso grupo de adolescentes aqui na escola.

**Fale um pouco mais pra mim sobre isso?**

Como assim?

**O que significa pra você participar do grupo aqui da escola?**

Ah... significa pra mim... ai... significa tudo de bom, né! Assim... a gente aprende muito com um, um com os outros, entendeu? Eu tento ensinar o que meus colegas não sabem e tento também aprender com eles o que eu não sei, entendeu?! Significa tudo de bom pra mim.

**O que é bom pra você?**

ah... é... bom pra mim de participar deste grupo? Assim... bom é ... as atividades que a gente faz, assim... ah, é tudo bom, tudo que a gente faz, é tudo bom.

**Você quer falar mais alguma coisa?**

Não.

**Muito obrigado, viu.**

De nada.

## Segunda Entrevista - Rouxinol

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 11 anos de idade, sexo masculino, solteiro, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Morador do bairro Bom Jesus. Estuda nesta escola desde a 2ª série. Participa do grupo desde a primeira reunião. Mostrou-se tímido e sério durante a entrevista. Estava quieto e demonstrando ansiedade em falar. Ao assinar o TCLE, sua mãe disse que o adolescente é muito tímido em casa.

Sua entrevista:

**Rouxinol, conta para mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui da escola?**

Ah, importante por que a gente aprende o que a gente não sabe... ah muito legal, né? A gente aprende muita coisa que agente gostaria de aprender, queria aprender e mais tinha vergonha de perguntar alguém.

O que por exemplo?

Ah.... esses negócios aí que foi na sala mostra da folha de como transa... esses negócios aí....Só isso. Não. É só isso que eu sei falar.

O que você aprendeu?

Ah... assim... a data certa da gente coisar o pênis (desenvolvimento puberal – critérios de Tanner)... é pênis né? ah, esses negócios aí, de, ah.... isso aí mesmo esses negócios aí que mostrou lá na frente, consigo falá não.

O que é que foi mostrado lá na frente?

Ah.... vagina... pênis.... essas coisas. Pra gente aprender. É esses negócios aí, de menstruação, para as mulheres aprender, o negócio aí.

## Terceira Entrevista - Gaivota

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 10 anos de idade, sexo feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora do bairro Bom Jesus. Também quis participar do grupo, pois queria estar com suas amigas. Muito tímida durante a entrevista desviando o olhar várias vezes. Falou baixo e pausadamente, muito reflexiva. Sua mãe relatou que a filha gosta de participar do grupo.

Sua entrevista:

**Gaivota, conta pra mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui da escola?**

No grupo.... um ensina o outro e aprende com outro também...

**O que aprende e o que ensina?**

Aprendi?... a conviver com os pais.... É melhor, sem briga... Né, com os irmãos, com os amigos....

**Que mais a gente aprende?**

Ai meu Deus do céu,... só isso mesmo. É bom.

**É bom por quê? Você quer dar um exemplo, que falar mais sobre isso?**

Não.

**Obrigado, gaivota.**

## Quarta Entrevista – Bem-te-vi

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 11 anos de idade, sexo masculino, solteiro, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Mora no bairro Bom Jesus. . Nos grupos apresenta-se sempre calado mas atento e disposto a participar das atividades. Demonstrou empatia e também atenção durante toda entrevista. Sua responsável legal relatou que ele é muito introvertido nas relações familiares.

Sua entrevista:

**Bem-te-vi, conta para mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui da escola?**

Ah... tem vez que vem uns cara aí... tem vez que tem uns avacalhando os grupos oferecendo a gente as coisas...cigarro... chamando agente pra sair assim.... tem uns amigo assim que chama a gente pra sair, assim pra... beber...

**E o que tem o grupo com isso? E o que tem o grupo de adolescente daqui haver com isso?**

O grupo... aqui o grupo... tipo assim aqui na sala tem o grupo da gente, só que a gente, grupo aqui é só na sala mesmo. Agente... no grupo aqui da sala mesmo, agente não faz nada não..... só os amigos mesmo.

**E o que significa participar do grupo de adolescentes aqui da escola, pra você? O que é pra você o grupo, quando vêm os acadêmicos de enfermagem aqui e discutem com vocês as coisas? O quê que é isso pra você?**

Uai, eles... ensinam muita coisa a gente... a gente aprende muita coisa... também aprende, eles. A gente... Ah... ensina a gente o caminho sempre certo que nem aquela vez no teatro lá quê que aconteceu lá... com aquela menina lá... Aquele teatro sobre a menina que tinha amiga dela oferecendo ela drogas... ela foi... usou e aí ficou gostando...

**O que significa pra você participar do grupo?**

Participar do grupo?... ser.... ser adolescentes com os outros amigos da gente! ...Fazer quase sempre as mesmas coisas que eles fazem... mas não seguir as coisas ruins que eles fazem.

**O que seriam essas coisas ruins por exemplo?**

Tipo, os meninos que bebem assim chama a gente pra beber assim agente não vai, a gente fica na nossa e fala com eles que... pra eles irem, que agente não vai que agente não pode ir por que depois vicia aí fica aí sem solução... num dá certo.

**Você quer falar mais sobre o grupo?**

Eu acho o grupo bom né, pra gente, a gente aprende muito, com os mais velhos e não aprende coisas ruins.... tem os que querem levar a gente pro mal caminho né a gente vai, fica na da gente, deixa eles fazerem os que eles querem.

**Você quer falar mais sobre isso?**

Não.



## Quinta Entrevista - Rolinha

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 12 anos de idade, sexo feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora também do bairro Bom Jesus. Muito agitada e com um grande interesse de falar durante a entrevista, percebido pela gesticulação das mãos e procura pelas palavras que me fizessem entender o significado de ser participante no grupo. Possui relação conflituosa no lar, por não ter a figura paterna presente.

Sua entrevista:

**Rolinha, conta para mim, o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui da escola?**

Ah, é muito legal e importante né... Ai... por que a gente aprende várias coisas que a gente não sabe e vai aprendendo.

**O que são essas várias coisas?**

Ai meu Deus!... deixa eu ver aqui... é... aprende sobre a... deixa eu ver aqui gente... como é que é... é... sobre o desenvolvimento da pré-adolescência, sobre as drogas, tudo isso. Legal é...é o trabalho que eles dão pra gente. Que a gente vai aprendendo. É... a pré-adolescência, as drogas, deixa eu ver o que mais?... ah, etc. Pra gente saber o que a gente deve fazer e o que a gente não deve.

**E o que é por exemplo, o que a gente deve fazer?**

Coisas certas por exemplo.... não fumar... deixa eu ver que mais.... não beber... ah um tanto de coisa...Por que se fumar vai estar prejudicando a saúde e a si mesmo. E se beber... pode causar várias.... deixa eu ver aqui...várias brigas em casa.... igual meu tio mesmo ele já... ele era muito agressivo mas agora ele está pro A.A.

**O que significa pra você participar do grupo? O que é pra você?**

Pra mim é tudo, né. Por que... coisas que eu não sabia eu aprendi. Ah... agora deixa eu ver... deixa eu ver aqui...tudo é... por que aqui falaram que tem assim... uma história de cada, da vida de cada um, então uma daquelas tem a minha... então achei importante...

**Quer falar mais não?**

Hum, hum...

**Então tá bom, obrigado viu Rolinha.**

Obrigado você.

## Sexta Entrevista - Sabiá

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 12 anos de idade, sexo masculino, solteiro, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Também morador do bairro Bom Jesus. Entre os professores da escola, seu grupo de pares é concebido como o grupo de comportamento “difícil”, inquietos e peraltas. Este adolescente, junto ao seu grupo, segue o comportamento dele, mas quando sozinho ou diante de outros, mostra-se prestativo e interessado, principalmente nas atividades do grupo operativo. Falante e muito sociável, teve muito interesse ao ser convidado para participar da pesquisa.

Sua entrevista:

**Sabiá, contra para, mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

Ah... eu acho muito bom por causa que ensina muitas coisas...é...ensina ficar longe das drogas, das violência. Ah... ensina a pessoa ser mais calma... ser mais ..... mais respeitada, respeitar as pessoas, ser de “bom”(bem). E ensina... ainda faz a pessoa ficar longe dos bares.... bebendo, faz arrumar algum trabalho bom... e a pessoa não fica roubando nem matando.

**O que significa pra você assim participar do grupo? O que é pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

Ah.... pra mim participar é um prazer por causa que... é... vocês vem lá de longe pra ensinar a gente... essas coisas assim...

**O que ensina mais assim, que você queria falar?**

Ah... ensina sobre as doenças que podem ser causadas, igual a Aids.

**Tem mais alguma coisa que você queira falar... em participar do grupo... você pode falar o que você quiser. O que significa pra você participar do grupo?**

Ah... eu gosto por causa que os meus amigos estão lá, todos participando... melhor ficar lá do que estar assassinando alguma pessoa, ficar aí fumando, bebendo.... inclusive lá onde é que eu morro né, tem um menino lá que ele... eu acho que ele tem 12 anos, da minha idade.... ele fica bebendo nos bar e fumando.... em vez dele estar na escola estudando... ele, só fica lá.

**E o quê... o quê que isso implica.... o que significa isso então pra você? O grupo significa o quê então?**

Significa que eu estou mudando a minha vida quando eu crescer... eu posso ser médico, dentista, alguma profissão boa. Ah, muita coisa! Ah, ele vem pra mostrar a gente um bom caminho. Isso.

**Você quer falar mais alguma coisa, Sabiá?**

(gesticula que não)

**Tá ok. Muito Obrigado, viu.**

De nada.

## Sétima Entrevista – Cotovia

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 12 anos de idade, sexo feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora também do bairro Bom Jesus. Repetiu algumas séries e possui uma irmã também participante do grupo. Extremamente tímida, esfregou as mãos durante toda entrevista. Desviava o olhar quando eu perguntava algo, mas manteve-se envolvida durante toda entrevista. Seus responsáveis legais mencionaram, ao assinar o TCLE, que a adolescente necessita muito das atividades do grupo para desinibir-se.

Sua entrevista:

**Cotovia, conta para mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

É, significa importante, né. Importante por que a gente aprende mais coisas que agente não aprendeu, a gente aprende, né. Aprender conviver com as pessoas, os colegas....

Ah, outras coisas também. Dar exemplos aos colegas, conviver com os professores, todo mundo da escola.

**O que significa isso pra você, o grupo de adolescentes, participar do grupo?**

Significa que é muito importante pra gente participar também, o que a gente não aprendeu a gente aprende.

**Por quê é importante participar?**

Igual eu falei mesmo, é importante participar dos grupos porque a gente aprende muita coisa que a gente não aprendeu.

**Você poderia falar sobre o quê você aprendeu no grupo?**

Eu não sabia que...como conviver com as pessoas mais....conviver com as pessoas doentes, agora mesmo convivi muito com pessoas que, assim essas coisas assim... Assim, com as pessoas que já foi drogadas, pessoas assim...aí já fui, já fiquei perto dessas pessoas, né...

**E como é que foi, assim?**

Foi.... ficava... conversei com as pessoas pra não fazer isso, até que adiantou um pouquinho... Adiantou.

Ah... foi assim, conversei, aí a pessoa tava pedindo ajuda, aí eu ajudei, né, falei pra ele procurar.. como é que fala é??... um grupo que eles estavam fazendo aí de pessoa que fuma droga.. aí ele foi procurou também e mudou.

**O que significa isso pra você, participar do grupo aqui da escola, que significado tem para você participar?**

Significa participar... é bom participar por que você aprende outras coisas.

**Você quer falar mais alguma coisa, Cotovia?**

Não.

## Oitava Entrevista - Arara

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 14 anos de idade, sexo feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora também do bairro Bom Jesus. Repetiu algumas séries, assim como sua irmã, Cotovia, também participante do grupo e desta pesquisa. Assim como a irmã, é tímida, e durante toda entrevista permaneceu quieta e cabisbaixa. Seus responsáveis legais também mencionaram, ao assinar o TCLE, que a adolescente necessita muito das atividades do grupo para desinibir-se.

Sua entrevista:

**Arara, conta pra mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

Acho legal... dá mais força pra gente. Acho muito bom. Por que vocês vêm né, dá uma forcinha pra gente.

**Como que é essa forcinha, o que é essa forcinha que a gente dá pra vocês?**

Dá aulinha e tudo... (risos...). É...tem hora também que elas faz umas brincadeiras importante com a gente.

**As dinâmicas?**

É!

**E por que é importante isso?**

É que... acho muito importante. Pra ajudar a gente.....Na adolescência.

**Em que é importante a gente ajudar vocês na adolescência?**

Por que ajuda muito. Assim, de... ah esforço muito. Aprendi muita coisa. Aprendi uns negócios nas brincadeiras. Aquele negócio que põe a mão aqui e outro vai e põe, aquele negócio que falou sobre a vida. Da família em casa... da mãe não deixar sair de noite, a roupa que a gente veste...

**O que mais?**

Elas perguntam o nome da gente, manda a gente falar o nome tudo dos meninos que repetiram.

**E isso ajuda em que?**

Dando força pra gente. É...Assim... pra estudar né... muita coisa.... achei muito legal.

**Você gostaria de falar mais alguma coisa em que a gente poderia estar ajudando vocês.**

Assim, igual elas falaram mesmo que.... a mãe briga com a gente, muita briga em casa.

**Quer falar mais alguma coisa?**

Não.

**Obrigado, Arara.**

## Nona Entrevista - Tesourinha

### Observações do Pesquisador

Adolescente de 15 anos de idade, sexo feminino, solteira, estudante da 5ª série do ensino fundamental. Moradora também do bairro Bom Jesus. Assim como Cotovia e Arara, repetiu algumas séries e são componentes do mesmo grupo de pares. Também é tímida, mas se prontificou com satisfação para participar do estudo. Durante toda entrevista permaneceu quieta e olhando nos olhos.

Sua entrevista:

**Tesourinha, conta para mim o que significa pra você participar do grupo de adolescentes aqui na escola?**

Muito bom, assim... que a gente aprende mais... a gente aprende mais e...Aprende os trem assim...que... vocês falam os trem... a gente aprende

**O quê por exemplo?**

Assim... como as doenças. Os trem assim. Aprende assim pra gente não mexer com drogas, não ficar assim com um grupinho assim que mexe com esses trem... pra gente afastar...

**O que mais?**

Ah, eu não sei....

**O que significa para você participar do grupo?**

É isso que eu falei que a gente aprende mais coisa.

**Quer falar mais alguma coisa...**

Não.

**Muito obrigado Tesourinha.**